

**REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS  
TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS  
POPULARES: UM ESTUDO SOBRE OS  
VÍNCULOS SOCIAIS CONSTITUINTES E  
MANTENEDORES**

**ATAUALPA LUIZ DE OLIVEIRA**

**2010**

**ATAUALPA LUIZ DE OLIVEIRA**

**REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS  
DE COOPERATIVAS POPULARES: UM ESTUDO SOBRE OS  
VÍNCULOS SOCIAIS CONSTITUINTES E MANTENEDORES**

Dissertação apresentada a Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do curso de Pós-graduação em Administração, área de concentração em Gestão Social, Ambiente e Desenvolvimento, para a obtenção do título de “Mestre”.

Orientador  
Prof. Dr. José Roberto Pereira

LAVRAS  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2010

**Ficha Catalográfica Preparada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da UFLA**

Oliveira, Atualpa Luiz de.

Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de  
Cooperativas Populares: um estudo sobre os vínculos sociais  
constituintes e mantenedores / Atualpa Luiz de Oliveira. – Lavras:  
UFLA, 2010.

110 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2010.

Orientador: José Roberto Pereira.

Bibliografia.

1. Rede de ITCPs. 2. Redes sociais. 3. Vínculos organizacionais.  
4. Relações sociais. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 302.4

**ATAUALPA LUIZ DE OLIVEIRA**

**REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS  
DE COOPERATIVAS POPULARES: UM ESTUDO SOBRE OS  
VÍNCULOS SOCIAIS CONSTITUINTES E MANTENEDORES**

Curso de Mestrado em Administração por Programa de Pós-Graduação em Administração apresentado a Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do curso de Pós-graduação em Administração, área de concentração em Gestão Social, Ambiente e Desenvolvimento, para a obtenção do título de “Mestre”.

APROVADA em 26 de fevereiro de 2010

Prof. Dr. Benedito Anselmo de Oliveira	UFSJ
Prof. Dr. Cleber Carvalho Castro	UFLA
Prof. Dr. Luiz Marcelo Antonialli	UFLA

Prof. Dr. José Roberto Pereira  
UFLA  
(Orientador)

LAVRAS  
MINAS GERAIS – BRASIL

Dedico  
aos meus pais

## AGRADECIMENTOS

Como de costume, agradecerei primeiramente ao Senhor.

Agradeço a mim mesmo, pela constante proposição de desafios e a rotineira luta para superá-los.

Aos meus familiares, em especial meu Pai, exemplo de perseverança e minha mãe, por sua garra. Ainda, a minha irmã e ao meu irmão e os sobrinhos, que tanto amo. Obrigado, Frederico, Lucas, Thiago e Pedro, saibam que o tio fez isso tudo por vocês.

À minha querida companheira, Eva, que ressurgiu do e no pensamento, trazendo-me conforto, atenção e segurança.

Aos eternos amigos do ABC, obrigado pelos tempos indígenas, em especial, Juliano (mulato), Tiago (Japão) e Jorge. Sem falar na ala feminina, Silvia, Camila, Drany, Taty. Além, é claro, de Luisa e seus agregados, Wayne e Augustus! Obrigado, gata!

Aos amigos e colegas que conquistei em Lavras, obrigado pela cerveja de quarta-feira! De modo especial, Fred e Marcão, duas malas de marca maior. Pedrão, Baiano e Camila. E pra não criar confusão, obrigado a todos: Anas, Hernani, Lúcia, Katia, Rosa, Luiz, Giarola, Roberto, Procópio, Wellington, Fernanda, Adílio, Gabriel, Pedro, Alessandro e Brasil. Perdão se me esqueci de alguém.

Aos companheiros Edmilson, Samantha, Mirella, Cançado e todos os integrantes da INCUBACOOP.

Ao Estado Brasileiro por me proporcionar educação gratuita e de qualidade (algumas vezes questionável).

A todos os professores da UFLA, especialmente Maroca, Flávia, Cleber, José Roberto e Edgard.

Com muita gratidão, agradeço a minha mestra, professora Valéria Kemp, pelo contínuo ensinamento, apoio, escuta e aconselhamento. E, como já disse o poeta “... se todos fossem no mundo, iguais a você...”.

E aos assim chamados padrinhos, prof. Benedito Anselmo de Oliveira, pra mim, o amigo Bené, com quem aprendi a discutir assuntos indiscutíveis. E, ainda, prof. Helvécio, minha gratidão.

A todos vocês, meu muito obrigado!

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	i
LISTA DE GRÁFICOS.....	ii
LISTA DE QUADROS.....	iii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	iv
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 OBJETIVOS.....	7
2.1 Objetivo geral.....	7
2.2 Objetivos específicos.....	7
3 JUSTIFICATIVA.....	8
4 COMPREENDENDO O MUNDO DA REDE DE ITCPs.....	10
4.1 Contextualização histórica e teórica das incubadoras.....	10
4.2 A formação da rede de itcps.....	17
4.3 Estrutura e papel social da rede de itcps.....	23
5 DEMARCAÇÕES CONCEITUAIS DE REDES SOCIAIS.....	27
5.1 Redes sociais: um foco na relação.....	32
6 VÍNCULOS SOCIAIS.....	37
6.1 Relações e estruturas.....	41
7 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	47
7.1 Natureza do estudo.....	47
7.2 O universo da pesquisa.....	48
7.3 Amostragem e seleção dos entrevistados.....	48
7.4 Coleta de dados.....	49
7.5 Análise das informações coletadas.....	58
8 VÍNCULOS SOCIAIS DA REDE DE ITCPs.....	61
8.1 Mapeando as relações.....	61
8.2 Estratificando as incubadoras para a pesquisa.....	67
8.3 Descrição pela fala: com a palavra, as incubadoras.....	70
8.4 Vínculos constituintes e mantenedores da rede.....	89
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
APÊNDICE.....	101



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Representação das ITCPs por estado.....	13
FIGURA 2	Distribuição das ITCPs por estrato.....	50
FIGURA 3	Sociograma da Rede de ITCPs.....	61
FIGURA 4	Panorama contextual da Rede de ITCPs.....	93

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Número de incubadoras filiadas à rede por ano.....	67
GRÁFICO 2	Número de ITCPs estratificadas por região.....	68

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Relação ITCPs e tempo de filiação na Rede.....	48
QUADRO 02	Lista de ITCPs entrevistadas.....	52
QUADRO 03	Classificação da centralidade da Rede ITCP.....	65
QUADRO 04	Categorias de análise e contextualização.....	70
QUADRO 05	Categoria de análise: Identificação com a organização.....	72
QUADRO 06	Categoria de análise: Idealização da organização..	74
QUADRO 07	Categoria de análise: Sentimento de Pertença.....	76
QUADRO 08	Categoria de análise: Cooperação na atividade e solidariedade.....	78
QUADRO 09	Categoria de análise: Criação de inimigos.....	80
QUADRO 10	Categoria de análise: Participação nas decisões.....	82
QUADRO 11	Categoria de análise: Integração entre os membros	85
QUADRO 12	Categoria de análise: Autonomia.....	88

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BB/FBB	Banco do Brasil e Fundação Banco do Brasil
CEFET/BA	Centro Federal de Educação Tecnológica/BA
CEFET/RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica/RJ
COEP	Centro de Orientação e Encaminhamento Profissional
CNES	Conselho Nacional de Economia Solidária
FAFIRE	Faculdade Franssineti do Recife
FAPEMIG	Fundação de Apoio a pesquisa do Estado de Minas Gerais
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FEES	Fóruns Estaduais de Economia Solidária
FURB	Universidade Regional de Blumenau
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
FEEVALE	Centro Universitário Feevale
FGV	Fundação Getúlio Vargas/SP
FSA	Centro Universitário Fundação Santo André
ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
ONG	Organização não governamental
PRONINC	Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	Ministério da Educação
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rei
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados

UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo – Assis e Franca
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
UNOCHAPECÓ	Univers. Comunitária Regional de Chapecó
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNIFACS	Universidade Salvador
UNILASALLE	Centro Universitário La Salle
UNIVALI	Universidade do vale do Itajaí
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina
UNICERP	Centro Universitário Cerrado
UNIJUI	Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul

## RESUMO

OLIVEIRA, Ataulpa Luiz de. **Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares**: um estudo sobre os vínculos sociais constituintes e mantenedores. 2010. 110p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras.<sup>1</sup>.

Esta dissertação é resultado do estudo dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede Universitária de ITCPs, que atualmente possui 42 afiliadas, com representantes nas cinco grandes regiões geográficas do Brasil. As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, entidades que formam a Rede de ITCPs, têm sua atuação pautada nos princípios do cooperativismo e nos fundamentos da economia solidária. As ações das ITCPs estão vinculadas a populações que se encontram desempregadas ou exercendo trabalho precarizado. A rede de incubadoras é uma entidade que tem estrutura organizacional de representação colegiada e busca privilegiar o envolvimento de todas as entidades afiliadas à sua estrutura. Desse modo, a estrutura relacional na qual se constitui essa rede figura como ponto central dessa análise. Para tanto, acredita-se que o estudo dos vínculos sociais na estrutura da rede social, embasados na perspectiva psicossociológica, pode dar indícios do processo de formação e manutenção da Rede de ITCPs. Nesse sentido, propôs-se uma investigação por meio de entrevistas semiestruturadas com representantes das ITCPs participantes da Rede, os quais foram selecionados a partir de um sociograma e da estratificação das entidades filiadas na Rede. Foram entrevistados 13 representantes de ITCPs. Os resultados apontam para aspectos vinculares de troca de informações, representatividade e experiências práticas voltadas para a geração de trabalho e renda, por meio do processo metodológico de incubação de empreendimentos econômicos solidários.

---

<sup>1</sup> Orientação: Prof. Dr. José Roberto Pereira – UFLA

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Ataulpa Luiz de. **University Network of Technological incubators of popular Cooperatives**: A study of social ties constituents and supporters. 2010. 110 p. Dissertation (Master Program in Administration) Federal University of Lavras, Lavras. <sup>2</sup>

This thesis is the result of the study of social ties constituents and supporters of the University Network ITCPs, which currently has 42 affiliates, with representatives in five main geographical regions of Brazil. Technology incubators of popular cooperatives, institutions that form the Network ITCPs, has its operations based on the principles of cooperatives and the foundations of the solidarity economy. The shares of ITCPs are linked to people who are unemployed or exercising precarious work. A network of incubators is an entity that has an organizational structure of representation and collegiate focus on the involvement of all entities affiliated with its structure. The relational structure in which the network exists is given as the focal point of this analysis. Therefore, it is believed that the study of social bonds in the structure of social network, grounded in psychosociological perspective, may give clues to the process of formation and maintenance of ITCPs Network. In this sense, it proposes an investigation through semi-structured interviews with representatives of participating ITCPs Network, which were selected from a sociogram and a stratification of the affiliated entities in this network. In this way was interviewed 13 representatives of ITCPs. The results point to aspects related to information exchange, representation and practical experience aimed at creation of employment and income through the methodological process of incubation of solidarity economic enterprises.

---

<sup>2</sup> Guidance: José Roberto Pereira(Major professor) – UFLA

## 1 INTRODUÇÃO

Envoltas em um processo de exclusão, falta de oportunidades e altas taxas de desemprego, desenvolvem-se as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), inseridas em instituições de ensino superior e articuladas, principalmente, pela Rede Universitária de ITCPs.

As incubadoras de cooperativas populares se apresentam e desenvolvem suas ações no contexto da crise do mundo do trabalho e suas consequências, nas últimas décadas. Seu trabalho se desenvolve com o objetivo de articular formas e possibilidades alternativas de geração de trabalho e renda para indivíduos excluídos, precarizados e sem meios, a priori, de inserção efetiva no mercado de trabalho (Singer & Souza, 2000; Guimarães, 2000).

Após o surgimento das primeiras ITCPs, na década de 1990, observou-se um crescimento considerável no número desse tipo de organização. Grande parte das novas incubadoras está vinculada à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, também denominada de Rede de ITCPs. Pode-se dizer que tais organizações vislumbram, no cooperativismo popular e na economia solidária, a alternativa econômica e social a ser perseguida e construída.

Atualmente, a Rede de ITCPs tem abrangência nacional, com representantes nas cinco grandes regiões geográficas do Brasil, e 42 incubadoras afiliadas.

De forma geral, vincular-se significa estabelecer uma relação, um elo com algo ou alguém. Desse ponto, podem-se ter relações formais e ou informais, sendo os vínculos e seus formatos configurações pré-estabelecidas ou, ainda, acontecendo sem um prévio estabelecimento.



Para este estudo, no trato da temática de redes sociais, partiu-se de dois autores considerados basilares no assunto, Granovetter e Burt, para estruturar o debate acerca da configuração de redes. Tais autores foram importantes na demarcação dos laços e nodos da Rede Universitária, contudo, optou-se por uma ampliação teórica, a qual incluiu demais autores dessa temática. Esta opção se deu pelo caminho teórico deste estudo, que culminou na utilização do trabalho de Kramer & Faria (2007) sobre a constituição dos vínculos nas organizações, como forma analítica da presente pesquisa. Este último trabalho foi utilizado como base analítica, sofrendo, é claro, adaptações para o contexto ora pesquisado.

O trabalho de Kramer & Faria (2007) se tornou um importante ponto de apoio desta pesquisa, devido às suas contribuições psicossociais, em especial por trabalhar com categorias de análise condizentes com a realidade estudada. Pode-se dizer que tais categorias seguem da identificação dos membros com a organização, passando pela cooperação e a solidariedade nas atividades, culminando no aspecto da autonomia. Tais aspectos proporcionaram condições de analisar questões relacionais, desde as incubadoras com incubadoras, até das mesmas com a estrutura que as une, a Rede de ITCPs.

Por outro lado, especificamente em se tratando das contribuições dos teóricos de redes, pôde-se observar que, apesar de todo o suporte já existente, existem questões no trato das redes sociais que não foram contempladas. Nesse caso, podem-se mencionar aspectos vinculares que vão para a ordem de um pacto entre os integrantes de uma estrutura, sem a ordenação obrigatória de ações coletivas. Ou seja, aspectos do funcionamento de uma rede “informal”, principalmente da não obrigatoriedade de ações, fato que parece ser ainda incipiente nesse debate. Nessa direção, vale mencionar que o presente trabalho faz alusão a esse ponto, sem, contudo, adentrar de modo mais preciso e aprofundado em tal aspecto, pois não se trata do seu foco de análise.

No debate mais específico do objeto estudado, pode-se dizer que a configuração da Rede de ITCPs, em que os envolvidos na sua constituição e funcionamento participam como atores do processo relacional, é analisada tendo como base as menções estruturais e dinâmicas das redes sociais que se apresentam como um conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos.

O presente estudo partiu de um projeto de pesquisa mais abrangente, construído e desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, na Universidade Federal de Lavras (INCUBACOOP/UFLA), em Lavras, MG e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Tal projeto teve início em 2007 e abrange as ITCPs das cinco regiões do país, tendo como eixo de estudo a rede, as incubadoras e as cooperativas incubadas. Foram selecionadas treze Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, filiadas à Rede Universitária, escolhidas a partir de procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos.

Para além da ligação desta pesquisa a um projeto já desenvolvido pela INCUBACOOP-UFLA, vale ressaltar que o pesquisador tem uma estreita vinculação com a atuação das incubadoras, tendo, inclusive, participado das atividades de outra ITCP. Esse aspecto alicerçou o interesse em desenvolver e prosseguir com o presente trabalho.

No caminhar da sua realização, diversas foram as dificuldades. Assim como variadas foram as alternativas de caminhos escolhidos para a superação do desafio outrora proposto. Como forma de ilustrar tal fato, a definição do número exato de incubadoras filiadas à Rede pode ser um fato ilustrativo desse percurso. No princípio do estudo, deparou-se com a inconstância no número total de ITCPs filiadas à Rede. Isto pode ser explicado, em parte, por diversos fatores, como a forma de atuação das incubadoras que, por vezes, são projetos específicos e, por isso, não têm a continuidade de trabalho assegurada, atuando

de modo delimitado, em relação a tempo e a espaço, como parece ser o caso da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Centro Universitário do Cerrado ITCP/UNICERP.

Outro fator diz respeito à distribuição de informações da Rede. Ao que se sabe, não existe, ou não foi localizada, uma referência única e central de informações sobre ela, seja com relação a aspectos históricos e ou a dados específicos. Assim, o ir e vir na construção do conhecimento da Rede é, por diversas vezes, dinâmico e constante, mas parece carecer de maior sistematização ou, ainda, de divulgação dos dados sistematizados. Este fato não parece impedir ou dificultar a atuação da Rede, mas a sua observação poderia contribuir para maior transparência e entendimento do cotidiano da Rede Universitária de ITCPs. Nesse caso específico, no presente estudo lançou-se mão de um relatório interno elaborado por alguns membros da Rede Universitária, mas que não chegou a ser publicado. Contudo, o pesquisador teve acesso a esse relatório e julgou como um instrumento que continha valiosas informações, tornando, assim, necessária a sua utilização.

Pode-se dizer que, a partir do número total de incubadoras filiadas à Rede, 42 ITCPs, optou-se por buscar uma amostra que pudesse representar o universo da Rede. Para tanto, utilizaram-se três critérios que, confrontados, forneceram uma amostra de treze incubadoras. Os critérios utilizados para chegar a essa amostra foram: a) participação na atual coordenação colegiada da Rede (biênio 2009/2010); b) estratificação das incubadoras por tempo de filiação junto à Rede e c) análise do sociograma de relacionamento, com base, principalmente, na centralidade de comunicação formal das incubadoras.

Com relação ao último critério de amostragem, análise do relacionamento formal, vale ressaltar que se utilizou desse procedimento, pois se partiu da necessidade de incorporar um mecanismo de relacionamento formal. Portanto, chegou-se ao programa de comunicação de mensagens virtuais Yahoo!

Grupos®. Acreditou-se que este sistema de comunicação, amplo e livre, poderia auxiliar o desenrolar da pesquisa no trato dos relacionamentos formais dentro da Rede Universitária.

Vale ressaltar que, após a análise deste instrumento, vários dados puderam ser incorporados à pesquisa. Contudo, deve-se resguardar o caráter restrito desse mecanismo, pois é apenas uma das opções de contato entre os membros das ITCPs dentro da Rede.

Este trabalho foi realizado com a expectativa de contribuir para o debate acerca da incubação, em particular sobre a rede de incubadoras, sem, contudo, ter a pretensão de encerrar ou esgotar a temática. Sabia-se que tal empreitada não seria fácil, como não foi. Talvez, tal dificuldade esteja atrelada à inovação que tal configuração e metodologia aplicam. Ou seja, o modelo de incubação, como aplicado no Brasil pelas ITCPs integrantes da Rede universitária, é uma tecnologia social típica e exclusivamente brasileira.

A partir da amostra de treze ITCPs, buscou-se a identificação dos informantes privilegiados dentro das incubadoras, os quais em muito coincidiram com os responsáveis por tais entidades. Esses informantes participaram de entrevistas semiestruturadas.

Diante desse cenário, formularam-se questões norteadoras do estudo, acreditando que a elucidação de aspectos relacionais dentro da dinâmica da rede pode sinalizar para pontos a serem repensados, bem como clarificar aspectos que devam ser ressaltados. Assim, foram as seguintes questões que nortearam a pesquisa: Quais são os vínculos que constituem a rede? Quais os vínculos que mantêm essa rede? Como os vínculos atuam no modo de funcionamento da Rede? As respostas a estas questões serão apresentadas ao longo do texto.

No intuito de se aproximar da elucidação destas questões, utilizou-se um suporte metodológico que contemplou técnicas de natureza quantitativa e qualitativa. Esta última fundamentou-se no método interpretativo das ciências

sociais, o qual procura analisar a percepção dos sujeitos a respeito do tema em estudo, utilizando-se, para isso, as técnicas de entrevistas semiestruturadas.

Essa dissertação está estruturada da seguinte forma: além desta introdução e da apresentação dos objetivos, no capítulo 3 é apresentada a justificativa para a sua realização; no capítulo 4, apresenta-se uma contextualização das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, incluindo relato histórico, princípios e funções da Rede Universitária; no capítulo 5 é ressaltado o debate acerca das redes sociais, suas implicações e questionamentos; no capítulo 6, discutem-se os vínculos sociais, principalmente em sua conceituação e apresentam-se as categorias utilizadas para analisar os vínculos constituintes e mantenedores da Rede Universitária; no capítulo 7, relativo aos métodos e aos procedimentos, apresentam-se as perspectivas metodológicas, bem como o universo da pesquisa, a amostra e as etapas desenvolvidas na execução deste estudo e o capítulo 8 é dedicado à análise e à interpretação das entrevistas a partir das categorias teóricas construídas. Por último, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Caracterizar a estrutura da rede de relacionamentos e dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) do Brasil.

### **2.2 Objetivos específicos**

Tendo em vista o objetivo geral, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e caracterizar a estrutura da rede de relacionamentos formais e informais da rede universitária, ressaltando a sua dinâmica de funcionamento;
- Identificar e descrever a configuração organizacional da rede de ITCPs.

### 3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho, desenvolvido junto à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, ganha relevância e se justifica por duas vertentes principais. A primeira, de cunho interno, diz respeito aos processos organizativos e relacionais das entidades participantes da Rede universitária de incubadoras, tendo como desafio a formação de quadros para o desenvolvimento da economia solidária; a segunda remete à dimensão externa relacional e de posicionamento da rede com seus parceiros e ou entidades diversas, cujo desafio é operacionalizar a política de geração de trabalho e renda, que perpassa todo o seu caminhar, desde os primórdios até os dias atuais.

Nessa direção, pode-se dizer que a ênfase em ações alternativas, geradoras de trabalho e renda, em oposição ao modelo capitalista vigente, tem tornado possível criar as condições necessárias para superar a situação deste sistema, devido à emergência de organizações legitimamente constituídas no seio da sociedade, no intuito de proporcionar formas de organização social que não se alinham às formas organizacionais típicas dos empreendimentos capitalistas.

É neste cenário de desafios e possibilidades que surge a proposta de geração de trabalho e renda junto aos segmentos populares da sociedade brasileira. A proposta das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) é instruir, conscientizar, capacitar e qualificar trabalhadores desempregados ou que estejam em situação de trabalho precarizado, no intuito de organizá-los em cooperativas populares ou outras formas de empreendimentos econômicos solidários.

Nesse sentido, é possível observar que as ITCPs buscam promover a inserção, no mercado de trabalho, de milhares de brasileiros que perderam seus

empregos ou não conseguem se inserir nesse mercado, por falta de conhecimento, qualificação e competência. Um dos propósitos dessa via alternativa de organização socioeconômica é permitir a formação, a qualificação e a assessoria a esses trabalhadores, para que possam constituir um empreendimento coletivo e solidário.

Constata-se, nesse cenário, que o trabalho desenvolvido por parte das ITCPs encontra-se vinculado à estrutura da Rede Universitária de Incubadoras, fundamentadas em princípios da economia solidária e do cooperativismo popular, com apoio de órgãos públicos, de instituições privadas e de ONGs.

Desse modo, o presente estudo ganha ainda mais relevância pelo fato de o número de incubadoras estar crescendo no Brasil e em outros países, alicerçado na disseminação da tecnologia social brasileira de incubação. Esse movimento tem uma de suas âncoras na Rede Universitária de ITCPs, que conta, atualmente, com 42 incubadoras vinculadas às universidades federais, estaduais, comunitárias e particulares.

Além disso, a atuação da Rede procura estimular e orientar metodologicamente a extensão universitária em seu compromisso com o desenvolvimento social.

A atuação das incubadoras tem sua importância revelada, ainda, na articulação entre teoria e prática para alunos, técnicos e professores universitários. O fortalecimento das ITCPs pode ser visto como um meio para garantir a inserção econômica de uma população marginalizada. Com os resultados deste estudo, espera-se que a Rede Universitária de ITCPs possa se consolidar como uma rede social de âmbito nacional, voltada para o desenvolvimento da economia solidária no Brasil.



## 4 COMPREENDENDO O MUNDO DA REDE DE ITCPs

### 4.1 Contextualização histórica e teórica das incubadoras

Mesmo não podendo ser considerada uma parte teórica do estudo, faz-se necessário dar início a este trabalho buscando uma contextualização do objeto a ser estudado, a saber, a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas populares. Para tanto, informações foram buscadas em diversos meios, sejam eles, impressos, digitais ou, mesmo, documentos não publicados oficialmente, como é o caso do texto de Sanchez & Kruppa, do ano de 2002, que constitui um relatório preliminar do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas - PRONINC. Entretanto, sua utilização foi considerada como de grande importância e, portanto, figura no corpo deste trabalho.

Nessa direção, pode-se dizer que, envoltas em um processo de exclusão, falta de oportunidades e altas taxas de desemprego, desenvolvem-se as ITCPs, inseridas em instituições de ensino superior, públicas e privadas.

Há que se atentar para o fato de que o movimento de incubação, no Brasil, não se restringe, exclusivamente, às cooperativas populares. Além dessas, existem, ainda, incubadoras de base tecnológica, de economia de setores tradicionais e as mistas, que congregam as duas últimas e as incubadoras privadas (Almeida, 2005).

Para Almeida (2005), a diversidade de tipos de incubadoras no contexto brasileiro se deve, em parte, ao modo como diferentes tipos de organizações se envolveram com o processo de construção e utilização das incubadoras. De modo particular, pode-se mencionar o aspecto relacional presente nas ITCPs, em que a universidade, o poder público, a sociedade civil organizada e a população assistida têm a possibilidade de interagir em um espaço, a princípio, democrático.

Etzkowitz (2002), que escreve sobre incubadoras, mas sem aprofundar na questão das ITCPs, comenta, de modo geral, em se tratando de todo o movimento de incubadoras, que, no início das atividades, as incubadoras passaram por um processo de desconfiança, pois foram vistas como vinculadas às empresas. Assim, argumenta que, nas universidades federais e estaduais com forte tradição pública, houve, inicialmente, considerável resistência às incubadoras entre muitos membros, com o argumento de que representavam a "privatização da universidade".

Para Almeida (2005), uma das principais características do movimento de incubadoras no contexto brasileiro é o fato de sua criação, ou do início de seu processo, estar atrelada ao que a autora denomina de “força que vem de baixo”, sendo estimulado, assim, por grupos locais e comunitários que apontavam para a necessidade de mudanças nas políticas públicas de atenção às comunidades e indivíduos menos favorecidos.

Segundo Plonski (2000), várias são as formas de intervenção das ITCPs junto às cooperativas populares, encorajando as pessoas da comunidade a encontrar nichos de mercado, fornecendo os elementos técnicos e as habilidades gerenciais necessárias, entre outras.

As ITCPs se apresentam e desenvolvem suas ações no contexto da crise do emprego, com predomínio do desemprego, subemprego e precarização do trabalho e dos trabalhadores, entre outras consequências vividas nas últimas décadas. Suas ações visam articular formas e possibilidades alternativas de geração de trabalho e renda para indivíduos excluídos, precarizados e, a princípio, sem meios efetivos de inserção neste mercado (Barros, 2003).

Iniciativas como o surgimento de incubadoras de cooperativas populares assinalam para uma reação dos movimentos sociais frente às diversas transformações no mundo do trabalho, em especial na crise da década de 1980,

com alta taxa de desemprego, a qual parece ter sido agravada pela abertura do mercado interno para as importações, nos anos 1990 (Singer, 2002).

Nesse sentido, a formação do caráter solidário entre os atores sociais tem como objetivo básico levar ao núcleo social e organizacional os princípios, os valores e a prática da cooperação, como observou Melucci (2001, p. 35), quando constatou que “alguns fenômenos coletivos implicam solidariedade, isto é, a capacidade dos atores de se reconhecerem e serem reconhecidos como parte da mesma unidade social”.

De acordo com Singer & Souza (2000), com esse ideal, surgiu, de modo incipiente, nos anos 1990, a proposta de elaboração e implementação das ITCPs, a partir de campanhas e mobilizações sociais em benefício da dignidade humana e da cidadania contra a exclusão social, o desemprego, a fome e a miséria. Essas campanhas foram lideradas pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que lançou as bases necessárias para impulsionar em nossa sociedade sentimentos de cooperação e solidariedade (Barros, 2003; Cruz, 2004; Guimarães, 2002).

Nessa direção, o questionamento de que o assistencialismo não era suficiente para solucionar os problemas de miséria, fome, violência, injustiça social, desigualdades e, principalmente, desemprego levou os integrantes da Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), com o apoio de instituições de fomento à pesquisa e organizações não-governamentais, a se unirem em torno de objetivos comuns, para realizarem experiências de geração de trabalho e renda que envolvessem a solidariedade e a cooperação, na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Por meio dessa iniciativa, vislumbrou-se, posteriormente, a possibilidade de se organizarem, com o objetivo de apoiar outras iniciativas econômicas que tivessem os princípios da autogestão e do cooperativismo popular como proposta (Barros, 2003; Cruz, 2004; Guimarães, 2000).

Assim, como menciona Oliveira (2006), um marco importante desse processo foi a constituição do Comitê de Entidades no Combate a Fome e Pela Vida (COEP), em 1993, como resultado do Movimento Pela Ética na Política e no Âmbito da Ação da Cidadania, idealizado por Herbert de Souza. Esse comitê incentivou o surgimento de várias organizações coletivas de trabalhadores brasileiros, dentre as quais se destacaram algumas cooperativas populares, como é o caso da Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos do Complexo de Manguinhos (COTRAM), fundada em 1993, na favela de Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro.

Este mesmo autor comenta que esta pode ser considerada a primeira cooperativa popular da era contemporânea com reconhecimento nacional, ou seja, a primeira a ser reconhecida como uma cooperativa de fato, criada e gerenciada por trabalhadores que são moradores de localidades onde o tecido social apresenta grande número de pessoas com altos níveis de exclusão social, desemprego e pobreza (Oliveira, 2006).

Fruto desta experiência, e para apoiar essa e outras que pudessem surgir na cidade do Rio de Janeiro, foi criada oficialmente, em 1995, a primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu objetivo principal era servir como apoio para o repasse de informações tecnológicas referentes às questões de gestão e administração dessas cooperativas populares. A partir dessa experiência piloto, foi criado o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), que teve o apoio decisivo, além do COEP, da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), da Fundação Banco do Brasil (FBB) e do Banco do Brasil, que foram os financiadores e cofinanciadores da primeira fase do programa (Almeida & Mello, 2002; Barros, 2003; Cruz, 2004; Etzkowitz et al., 2005; Guimarães, 2000, 2002; Oliveira, 2003; Oliveira, 2005; Oliveira, 2006).

Segundo Guimarães (2000), durante todo o processo inicial da ITCP-UFRJ, houve grande procura, por parte de algumas universidades e governos, que buscaram a incubadora e fontes de fomento para articular projetos semelhantes ao desenvolvido em Manguinhos. Para este autor, a pressão foi “positiva e começou-se a amadurecer a ideia da montagem de incubadoras em outras universidades” (Guimarães, 2000, p.114).

Na visão de Bocayuva (2001), as ITCPs desenvolvem atividades voltadas para a inserção de setores economicamente marginalizados no mercado formal de trabalho, abrindo um novo conjunto de apoio às iniciativas de geração de trabalho e renda, e se transformando em um modelo de extensão da universidade no combate ao desemprego e à exclusão.

Para Guimarães (2000),

O conceito que consubstancia este projeto parte do princípio de que a universidade, quando responsável pela proposição e execução de um projeto de intervenção econômica e geração de trabalho e renda, como as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, acaba desenvolvendo de forma plena seus preceitos de extensão universitária (Guimarães, 2000, p.111).

Posteriormente, essas incubadoras se disseminaram por todo o Brasil e, em 1999, foi criada a Rede de ITCPs que, em parceria com a Fundação Unitrabalho, constituiu o Programa Rede de ITCPs e Economia Solidária. Este Programa proporcionou uma aproximação com outros projetos desenvolvidos por entidades nacionais que também já atuavam no apoio ao surgimento de cooperativas populares ou de empreendimentos de economia solidária, como, por exemplo, a Cáritas Brasileira e a Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas Autogeridas (ANTEAG) (Oliveira, 2006).

Etzkowitz (2002), comentando genericamente sobre incubadoras, afirma que, desde a introdução do conceito da incubadora, em meados da década de

1980, as incubadoras têm se desenvolvido rapidamente no Brasil, ganhando o apoio não só das universidades, dos seus patrocinadores originais, mas também dos governos, federal, estadual e local, de associações e empresas.

Em 1997, foi criada uma Incubadora na Universidade Federal do Ceará e, em 1998, mais quatro: UFJF, UFRPe, UNEB e USP, em Juiz de Fora, Recife, Salvador e São Paulo, respectivamente. O impulso dado para a constituição de novas incubadoras se deu a partir do fim da década de 1990 e ocorreu graças ao Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc) (Guimarães, 2000; Relatório da Rede de ITCPs, 2002).

Neste cenário, a partir do final da década de 1990 e início do presente século, esse arranjo institucional ligado às cooperativas populares começou a se propagar com maior intensidade pelo Brasil, nas regiões sudeste, sul, nordeste, e mais recentemente, nas regiões centro-oeste e norte, caminhando para a consolidação da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Na Figura 1 apresenta-se a divisão territorial das incubadoras filiadas à Rede Universitária de ITCPs no Brasil, no ano de 2009.

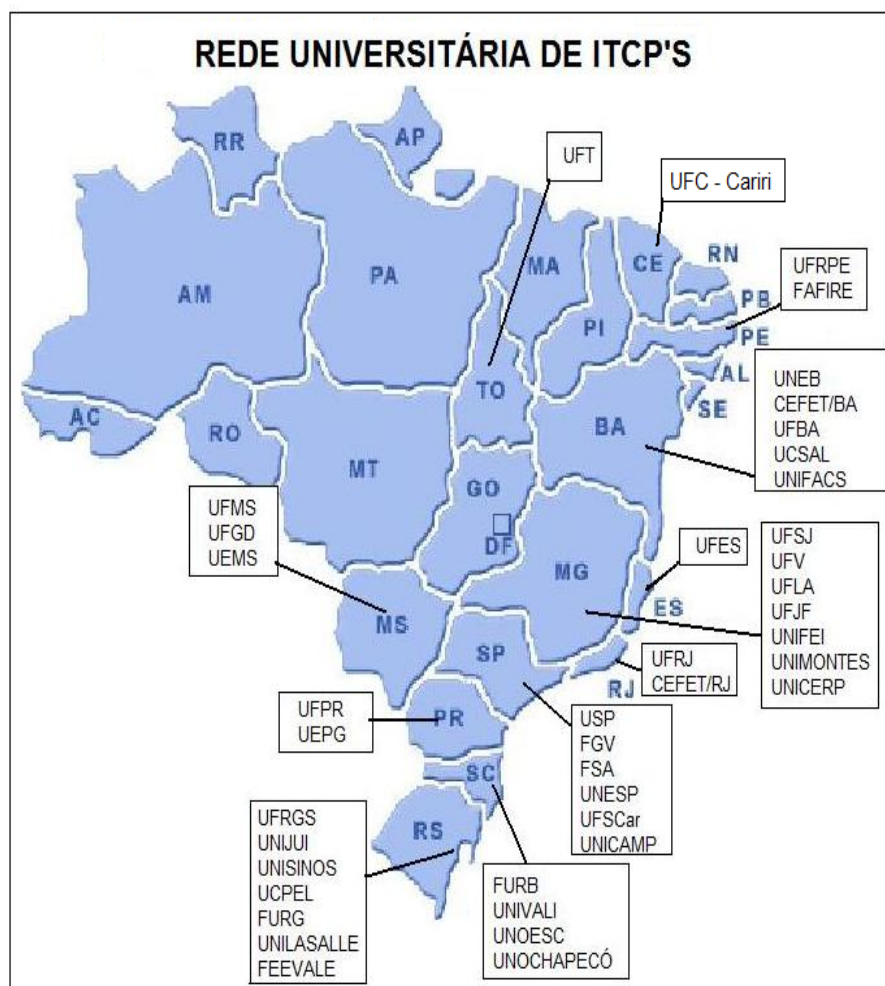


FIGURA 1 Representação das ITCPs por estado, no ano de 2009<sup>3</sup>.

Mesmo com uma considerável concentração no sul, sudeste e nordeste, com a existência de sete incubadoras em Minas Gerais e sete no Rio Grande do Sul, nota-se a presença de algumas incubadoras, ainda em menor número, nas regiões centro-oeste e norte.

<sup>3</sup> Deve-se observar que, no caso da UNESP, existem *campi* diversos, o que pode causar uma variação no número total de ITCPs representadas na Figura 1.

## **4.2 A formação da rede de ITCPs**

A Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) foi criada em 1999. Seu início está vinculado à parceria com a Fundação Unitrabalho, que constituiu o Programa Rede de ITCPs e Economia Solidária (Oliveira, 2006). Esta última agrega, atualmente, 92 universidades e instituições de ensino superior em todo o país, ligadas a estudos e pesquisas na área do trabalho, com articulações nacionais e internacionais (Unitrabalho, 2008).

Entretanto, atualmente, essas redes encontram-se separadas, seja na forma de atuação, seja nas incubadoras participantes em cada quadro, seja no modo de gestão da rede. Assim, pode-se dizer que, enquanto a Rede de ITCPs procurava adotar um método mais participativo, com características contemporâneas (horizontalizado), distribuindo o poder da rede em várias regionais no Brasil, adotando uma estrutura colegiada de organização, a UNITRABALHO preconizava e implantava uma configuração de gestão tradicional (verticalizada) (Oliveira, 2005).

Esse processo de distanciamento culminou, ao final do ano de 2002, na separação oficial da Rede de ITCPs da Rede UNITRABALHO. Para Cruz (2004), os motivos que levaram a esta separação são discutíveis, e, segundo esse autor, “totalmente equivocados”. E complementa: “algumas ITCPs escolheram participar de uma ou outra rede, e outras incubadoras optaram por permanecer em ambas” (Cruz, 2004, p.44).

O mesmo argumento é compartilhado por Barros (2003, p.118), quando afirma que “apenas algumas Incubadoras vinculadas à Rede de ITCPs mantêm algum tipo de relação ou contato com a UNITRABALHO”.

Como marco inicial de todo o processo de incubação, pode-se dizer que, a partir da experiência da ITCP/COPPE-UFRJ, outros grupos, em outras universidades, tomaram essa experiência como referência e iniciaram a



construção de outras ITCs. Além disso, outras incubadoras têm surgido, nos moldes similares ao deste início, como é o caso do que ocorreu na Universidad de la República, em Montevideu/Uruguai (Cruz, 2004).

Nessa direção, como um dos agentes do “combate ao desemprego e à pobreza”, a Rede Universitária de ITCs ganha um grande espaço no debate econômico, político e educacional (Barros, 2003, p.68).

Etzkowitz (2002) considera que as incubadoras preenchem as missões educacionais e sociais das universidades, especialmente no que se refere a um alcance mais amplo em direção à redução das desigualdades. E, ainda, que as redes de incubadoras e de cooperação entre as universidades, e com outras esferas institucionais, têm sido fundamentais para o crescimento do movimento de incubação de cooperativas populares no Brasil. O autor complementa dizendo que o desenvolvimento de incubadoras varia de acordo com o contexto acadêmico e as condições regionais às quais estão inseridas.

O avanço das incubadoras de cooperativas populares, segundo Oliveira (2003), se deve a três fatores, a saber: aumento no desemprego e exclusão; financiamento público e a figura de professores e alunos “empreendedores sociais”.

Sobre o primeiro ponto, verifica-se que a questão do desemprego, da exclusão e da falta de oportunidades no mercado formal de trabalho tem feito com que os indivíduos procurem alternativas, na tentativa de amenizar as mazelas sociais. Sobre o financiamento público, verificou-se um incremento no movimento de incubadoras a partir do Programa Nacional de Incubadoras e outros órgãos de fomento (Barros, 2003; Oliveira, 2003; Oliveira, 2005; Relatório da Rede de ITCs, 2002).

Já no que diz respeito à figura do “empreendedor social”, Oliveira (2003) comenta que:

O estímulo aos empreendimentos autogestionários nas universidades tem ocorrido a partir da iniciativa de alguns poucos professores 'empreendedores sociais', que visualizam nessa iniciativa a possibilidade das universidades cumprirem com o seu papel social (Oliveira, 2003, p.72).

Para Melucci (2001), ao se organizar formalmente, com a distribuição de responsabilidades e competências, determinado grupo de indivíduos tende a fortalecer seus laços de interesses e cria as condições necessárias para se efetivarem na sociedade como atores sociais capazes de provocar mudanças em setores menos privilegiados, como é o caso das organizações de associações e cooperativas populares:

o sistema organizativo indica, ao contrário, aquele tipo de relações que asseguram o equilíbrio de uma sociedade e a sua adaptação ao ambiente, através de processos de integração e de troca entre as partes do sistema (em particular através da troca entre papéis, isto é, entre sistemas de expectativas recíprocas de comportamento reguladas normativamente) (Melucci, 2001, p. 39).

Nesse sentido, Singer & Souza (2000, p.9) acreditam que:

As incubadoras de cooperativas dispõem de um manancial de recursos humanos (professores e alunos) interessados em aprender e a trabalhar juntos com as comunidades carentes envolvidas, compondo assim um projeto de ensino, pesquisa e extensão universitária (...).

Para Plonski (2000), em se tratando de pontos positivos para o corpo técnico, as incubadoras oferecem benefícios, tanto para alunos, bem como para professores. Em particular os alunos ganham a oportunidade de aplicar na prática aquilo que foi ensinado em sala de aula e para desenvolver habilidades e atitudes relevantes para as suas carreiras. Para os professores, esse projeto pode ser visto como uma possibilidade de cumprir os aspectos sociais os quais as

universidades devem exercer. Tais pontos respaldam todo o processo histórico e também a evolução pela qual vem passando a Rede.

Pelo que foi visto até o momento da trajetória histórica das ITCPs, pode-se afirmar que a Rede nasceu, de certa forma, “incubada” pela ITCP/COPPE/UFRJ que, desde o princípio de suas atividades, tem sido reconhecida como uma experiência piloto e, nessa direção, passível de multiplicação para outras universidades. A partir 1998, assumiu o compromisso de transferir a metodologia de incubação que estava construindo e implementando, além de mobilizar forças que dessem origem à formação da Rede de ITCPs (Barros, 2003). Esse movimento, como aplicado pelas incubadoras pertencentes à Rede de ITCPs, pode ser considerado como uma tecnologia brasileira. Nesse sentido, vale mencionar, ainda que de modo breve, o processo de incubação.

Por incubação compreende-se o acompanhamento sistemático e a assessoria a determinados grupos interessados na formação de empreendimentos econômicos solidários, pautando-se no processo educativo e no suporte técnico a esses empreendimentos (Culti, 2002).

Em relatório interno da Rede, divulgado em 2002, observa-se uma tendência relacional entre incubados e incubadores, estruturada a partir da demanda dos incubados, em um processo de cunho formativo e compromissado. Assim, a incubação pode ser entendida, ainda, como sendo

um processo, realizado através da interação entre Incubadora e grupos ou cooperativas incubadas, com uma grande diversidade de formas de atuação neste processo, tendo como ponto de partida a realidade e as demandas dos grupos apoiados, com forte caráter formativo; e um processo com temporalidade definida, de caráter permanente, realizado mediante o estabelecimento de compromissos recíprocos entre Incubadora e grupo/cooperativas incubadas, visando a autonomia destes no final do processo (Relatório da Rede de ITCPs, 2002, p.19).

Segundo Guimarães (1999, p.11), o “objetivo inicial das incubadoras é organizar, formar e requalificar trabalhadores para possibilitar a entrada no mercado formal de trabalho – seja através de empresas autogeridas ou cooperativas”.

Em outra passagem, Guimarães (2000) corrobora o argumento anteriormente apresentado, afirmando que o “objetivo tem sido utilizar os recursos humanos e o conhecimento da universidade na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores para a construção de atividades autogestionárias visando à sua inclusão no mercado de trabalho” (Guimarães, 2000, p. 111).

Os argumentos de Guimarães (1999, 2000) estão contemplados no Relatório da Rede de ITCPs (2002), quando ressalta que os objetivos na ênfase da organização e na inserção no mercado parecem ser diferentes e, ao mesmo tempo, próximos. Assim,

(...) notam-se nuances ou pesos diferenciados a dois objetivos, não excludentes entre si. Por um lado, a ênfase na organização democrática e solidária do mundo do trabalho, e por outro, a inserção no mercado formal de trabalho aliado à conquista de direitos sociais (Relatório da Rede de ITCPs, 2002, p.9).

Cruz (2004, p.38) relata que o objetivo dessas organizações é “apoiar a consolidação de iniciativas econômicas fundamentadas nos princípios da autogestão, a partir de um processo pedagógico orientado pelas trocas entre o “saber popular” e o “saber acadêmico”. Os objetivos podem, ainda, estar pautados na negação da “estrutura desigual, autoritária e individualista” em que estão inseridas as incubadoras, na busca por “modos de organização no mundo do trabalho” que neguem esta estrutura, isso, pela via de práticas democráticas, participativas, solidárias e autogestionárias, “com a primazia do trabalho sobre o capital” (Relatório da Rede de ITCPs, 2002, p.7)

Oliveira (2005) vê, nos objetivos das ITCPs, uma vinculação com a economia solidária. Ele afirma que os princípios e os objetivos deixam claro que as ITCPs e sua rede parecem se vincular à promoção do desenvolvimento e incremento da economia solidária junto a grupos populares, de baixa renda, em processo de exclusão social e/ou excluídos.

Para Guimarães (2000), a Rede tem, entre seus principais objetivos, promover o intercâmbio de experiência entre técnicos e cooperativados e a produção de conhecimento, metodologia e independência.

Em um estudo sobre a formação da rede universitária de ITCPs, Alcântara (2003) indica que o foco dessas instituições está voltado para os trabalhadores desempregados e profissionais ligados diretamente ao mercado informal de trabalho, que buscam na autogestão constituir empreendimentos de caráter econômico solidário. Nessa direção, recomenda atenção para alguns aspectos presentes na dinâmica da Rede, a saber:

- a) a autogestão;
- b) a comercialização solidária entre os membros;
- c) uma equipe gerencial constituída especialmente para administrar e incentivar o comércio entre os membros da Rede;
- d) as Redes devem ser constituídas por um número suficiente de membros, mas nunca por um número que exceda sua capacidade de intervenção;
- e) a função desse organismo deverá ser uma junção de funções de uma cooperativa e de uma associação, no sentido de que não só compre e venda pelos associados, mas estimule o comércio entre eles e promova-os na sociedade, defendendo seus direitos e difundindo seus produtos;
- f) a Rede precisa possuir uma imagem própria, autônoma, mas sendo o reflexo direto da soma dos interesses de seus membros. O selo de garantia impresso nos produtos, indicando os serviços, é uma das formas de efetivar isso;
- g) o conhecimento dos membros, a relação direta entre eles, a promoção de encontros e a manutenção de um banco de dados de acesso também aos membros, que permita a descentralização da informação, é de fundamental importância. (Alcântara, 2003, p.187).

A Rede de ITCPs, nessa direção, forma um espaço para a construção de saber técnico e ético, visando articular iniciativas solidárias com políticas públicas que objetivam a geração de trabalho e renda, adotando metodologia de ação que tenha como fundamento o fortalecimento dos vínculos grupais e a socialização com base nos princípios solidários. Nesse sentido, na próxima seção discutem-se a estrutura e o papel social da Rede Universitária de ITCPs.

### **4.3 Estrutura e papel social da rede de ITCPs**

A Rede de ITCPs mantém uma estrutura de coordenação colegiada, com mandato de dois anos, composta por um coordenador geral e coordenadores regionais (norte, nordeste, sudeste, centro-oeste e sul). Essa coordenação é eleita pelo conselho deliberativo que, por sua vez, é formado por um representante de cada incubadora filiada à rede. Além da estrutura de coordenação, há também os núcleos temáticos de caráter permanente, compostos por, no mínimo, três representantes de diferentes incubadoras filiadas, aprovados pelo conselho deliberativo e pelos grupos de trabalho de caráter eventual, compostos por pessoas indicadas pelo conselho deliberativo (Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, 2009; Barros, 2003).

O regimento interno da Rede Universitária de ITCPs define as atribuições das incubadoras, do conselho deliberativo, da coordenação colegiada, da coordenação geral, do secretário geral, dos núcleos temáticos e dos grupos de trabalho, além de estabelecer a periodicidade e o caráter ordinário e extraordinário das reuniões. As reuniões do conselho deliberativo deverão ser realizadas trimestralmente, e da coordenação colegiada, quando o coordenador geral julgar necessário, ou quando algum membro da coordenação solicitar (capítulo II, artigo 3º, incisos a-f; Regimento Interno).

Quando se fala da identidade da Rede, constata-se, em seu estatuto, que

A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares é constituída por um conjunto de Incubadoras vinculadas de forma interativa e dinâmica, favorecendo a transferência de tecnologias e de conhecimentos, sendo agentes de processos educativos para a cooperação e a autogestão, constituindo-se como projetos, programas ou órgãos das Universidades com a finalidade de dar suporte à formação e ao desenvolvimento de cooperativas populares (aquelas criadas por iniciativa de grupos de desempregados ou que se encontram em situação de trabalho precarizado) (Art.1º e 2º). (Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, 2009)

De acordo com Guimarães (2000), entre os princípios da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, destacam-se:

- reafirmar os princípios da Aliança Cooperativista Internacional;
- conceber a universidade como uma instituição a ser respeitada como locus de produção e socialização de conhecimento, com autonomia crítica e produtiva;
- desenvolver e disseminar conhecimento sobre cooperativismo e autogestão, contribuindo para o desenvolvimento da economia solidária;
- estimular a intercooperação, promovendo a produção e a socialização dos conhecimentos entre incubadoras e destas com o meio universitário, outras redes afins e a sociedade;
- estimular a criação de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, promovendo, disseminando e orientando a aplicação de seus princípios e sua inserção na rede;
- organizar-se autonomamente e se relacionar com outras redes, que conjuguem princípios e objetivos convergentes;
- trabalhar na constituição, na consolidação e na integração das cooperativas populares, fortalecendo, subsidiando e respeitando a autonomia dos fóruns e redes a que estão empregadas (p.115).

Para Barros (2003, p.87), a maioria das ITCPs participantes da Rede atribuí a esta um “reduzido papel, muito mais interno que externo”, permitindo maior “troca de experiências entre as ITCPs”. E esse fato, segundo a autora,

pode ser explicado, em parte, pela lacuna deixada pela “ausência de um projeto político-pedagógico que proporcione diretrizes comuns”.

Etzkowitz (2002) acredita que uma importante função de uma rede de incubadoras está no fato de ela viabilizar ou auxiliar empreendedores e grupos cooperados na ligação, tanto das suas redes, em uma direção interna, quanto na inserção em redes mais amplas, em que os empreendimentos poderão abarcar novas possibilidades.

De acordo com esse autor, a rede de ITCPs está estruturada como uma “inter-rede”, funcionando entre as incubadoras e as empresas de diferentes incubadoras (Etzkowitz, 2002).

Para Almeida (2005), a rede de ITCPs está estruturada em dois papéis, tornando-se, nessa direção, indispensável para os seus membros. Primeiramente, articula os parceiros, tanto internos quanto externos, e, por outro lado, acumula a função de disseminar o movimento de incubação, agregando, paralelamente, mais associados à sua estrutura.

Nesse sentido, o contexto em que surge a rede de incubadoras de cooperativas é, por um lado, oportuno para o seu desenvolvimento e crescimento e, por outro, pode ser visto como incerto. A oportunidade é visualizada a partir da tendência de que os precários níveis socioeconômicos, profundamente deteriorados pelo modelo político-econômico, tendem a se aprofundar ainda mais, isso sem mencionar a atual crise financeira pela qual passa a sociedade e, ao que parece, demonstra sinais de continuidade e reflexos em médio prazo. Com isso, a Rede e seus integrantes ganham importância e podem se potencializar para conseguir espaço nos diversos setores, como universidades, agências de desenvolvimento e instituições de fomento.

Desse modo, a elucidação de aspectos relacionais dentro da dinâmica da rede pode sinalizar pontos a serem repensados, bem como clarificar aspectos que devam ser ressaltados. Todavia, considerando os aspectos apresentados neste



capítulo, a Rede Universitária de ITCPs constitui, enfim, uma rede social com foco no conhecimento técnico-científico gerado nas universidades e na sua transferência, como extensão universitária, para segmentos específicos da sociedade, como trabalhadores desempregados ou em situação de trabalho precarizado. No próximo capítulo são tratados os aspectos teórico-conceituais de redes sociais no sentido de explorar, ainda mais, a rede em estudo.

## 5 DEMARCAÇÕES CONCEITUAIS DE REDES SOCIAIS

Nesta seção, em que se abordada a temática de redes sociais, optou-se por trabalhar com dois autores, considerados por muitos como basilares dessa temática, a saber, Mark Granovetter e Ronald Burt. Tal escolha baseou-se, principalmente, na argumentação feita por esses autores sobre laços e nodos, pontos que estão intimamente ligados aos aspectos relacionais vinculares trabalhados na análise do presente trabalho. Ou seja, a conceituação apresentada por Granovetter e também por Burt está próxima do debate oferecido por Kramer & Faria (2007), trabalho que serviu como principal referência analítica deste estudo.

Na década de 1960, e com mais vigor desde a década de 1980, vasta literatura mostrou que as ligações entre indivíduos, entidades e organizações estruturam as mais variadas situações sociais, influenciando o fluxo de bens materiais, ideias, informação e poder (Scott, 1992; Freeman, 2002). Tais ligações se configuram em estruturas de redes e o caráter relacional parece sinalizar como ponto basilar no estudo de redes sociais. Assim, a formação e os vínculos que unem os atores e a expectativa dos mesmos em relação à rede social a qual estão atrelados constituem objeto do presente trabalho.

Entre os estudos pioneiros sobre redes sociais, destacam-se os trabalhos *The strength of weak ties*, revisado e republicado em 1983 e *Getting a job*, publicado em 1974, ambos do sociólogo norte-americano Mark Granovetter. Nestes estudos, o autor introduziu a discussão sobre a importância e o papel das redes na bibliografia sobre mercado de trabalho, assim como o papel das redes na promoção e no acesso a oportunidades existentes na estrutura social e econômica.

Outro texto referencial no estudo de redes foi escrito por Ronald Burt, em 1992, na construção da sua teoria sobre os “vazios estruturais” (*structural holes*), em que uma importante contribuição diz respeito à compreensão de que pessoas diferentes podem estar desconectadas numa estrutura social. Nesse sentido, o “vazio estrutural” deve ser visto como uma oportunidade de agenciar o fluxo de informação e controlar os projetos e as formas que trazem em conjunto tais pessoas.

O debate acerca desses dois autores e suas proposições, em especial na articulação da teoria dos laços com os “vazios estruturais”, pode vir a contribuir para a elucidação das questões norteadoras da presente dissertação. Porém, faz-se necessário, de modo introdutório, contextualizar as redes sociais.

Há que se atentar para o fato de que as redes sociais não podem e nem devem ser entendidas unicamente pelo viés econômico, ou seja, a cooperação entre diversos atores existe para além de objetivos econômicos. Nesse sentido, pode-se dizer que as redes assumem, nas ciências sociais, noções variadas, como, por exemplo, formas específicas de interação entre indivíduos, redes urbanas, redes organizacionais e movimentos sociais, entre outros. Apesar do grande número de definições há, como um sentido predominante que as une, a ideia de ligação, laço e integração.

De acordo com Granovetter (1985), os atores se comportam e tomam decisões dentro de um contexto social determinado e não devem ser tomados como átomos isolados. Ao contrário, as organizações agem no interior de um sistema de relações concretas e em permanente desenvolvimento. Para esse autor, redes sociais se apresentam como um

conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. Um laço ou relação entre dois atores tem forma e conteúdo. O conteúdo inclui informação, conselho ou amizade, interesses

compartilhados ou pertencimentos e, tipicamente, algum nível de confiança (Granovetter et al., 2000, p. 219).

A conceituação dada por Marteleto & Silva (2004) sintoniza com a de Granovetter, pois, para esses autores, as redes são sistemas compostos por “nós” e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações, etc.) conectados por algum tipo de relação.

Seguindo a tônica dessa definição, Hanneman, *apud* Braga et al. (2008), comenta que uma rede social é um grupo de pessoas, de organizações ou de outros atores, conectados por um conjunto de relações sociais, como as amizades, o trabalho em conjunto ou a simples troca de informações. E, na terminologia das redes sociais, as pessoas ou grupos são denominados como atores e as conexões como ligações. Nessa direção, as unidades de análise das redes são os conjuntos compostos por grupos de indivíduos e suas inter-relações.

Vislumbra-se o contato dessas unidades de análise a dois aspectos ressaltados por Granovetter (1985) apresentados anteriormente, a saber, forma e conteúdo, considerando as relações e seus atores nas configurações de nós, pontes e ligações, formas características das estruturas em rede.

Com respeito às significações de redes, Marteleto (2001), ao estudar a transferência de informações em redes de movimentos sociais, referiu-se à diversidade de definições que a palavra “rede” vem adquirindo (apesar de não se limitar somente a elas), como sistema de nodos e elos, estrutura sem fronteiras, comunidade não geográfica, sistema de apoio ou sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. E rede social, derivando desse conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

As redes sociais podem, ainda, se configurar como um conjunto de pessoas, instituições ou organizações que, por possuírem afinidades em comum,

compartilham, por exemplo, trabalho e/ou informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo uma estrutura social (Tomaél & Marteleto, 2006). Enfatiza-se nessa demarcação a necessidade de um vínculo ou projeto comum para a instauração e a manutenção da estrutura, com caráter coletivizado.

Junqueira (1996) argumenta que a articulação dos nós, na figura dos atores/sujeitos na rede, é uma construção coletiva, que se define na medida em que é realizada. Sua verdade está na sua concretização, na superação das determinações sociais mediante o estabelecimento de parcerias entre sujeitos individuais ou coletivos, mobilizados por objetivos construídos e apropriados coletivamente, para a construção de uma nova realidade social (Junqueira, 1996, p.64).

Tal comentário coaduna sobremaneira com a estrutura horizontalizada a que se relaciona o formato de redes, podendo, ainda que teoricamente, proporcionar a atuação e a construção de sujeitos articulados de maneira ativa, voluntária e não hierárquica. Essa articulação implica o compartilhamento de propósitos e valores comungados pelos demais integrantes, cujas conexões destinam-se a permitir apoio mútuo (Tomaél & Marteleto, 2006).

Com um olhar mais estrutural, e apontando o aspecto da horizontalidade, Souza et al. (2007) afirmam que rede social é uma estrutura na qual seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou por meios dos que o cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum de seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. E, mesmo sem a figura centralizadora, os atores envolvidos têm um posicionamento que lhes é peculiar e específico. Como afirma Marques (1999, p.51), “rede é um conjunto de relações que constitui uma estrutura no interior da

qual cada nó ocupa uma posição com características específicas”. Tal argumentação sinaliza para a dinamicidade estrutural desse tipo de organização.

Já em se tratando das características de funcionamento de uma rede, Barnes (1987) utiliza a definição de rede como sendo um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam alguns indivíduos a outros. Essas estruturas representam a organização dos elementos que interagem entre si de forma não homogênea e fluida, resultando em dinâmicas locais e globais, podendo, ainda, exercer diferentes funções, como companhia social, apoio emocional, controle social, ajuda material, guia/conselhos e acesso a novos contatos.

Esse caráter fluido e dinâmico também pode ser encontrado em Aguiar (2003), quando comenta que as redes moldam as ações dos atores e, em contrapartida, são também moldadas por elas. As redes são socialmente construídas, reproduzidas e alteradas como resultado das ações dos atores, cuja posição e atuação ocorrem de forma dinâmica (Aguiar, 2003). A dimensão diversa de estruturas multiformes assegura às redes a possibilidade de poderem aproximar atores sociais diferentes, garantindo, assim, um diálogo de interesses e valores na sua estrutura.

Neste caminho de contatos diversos com atores esparsos, em relação direta ou não e com estruturas multiformes, Burt (1992) enfatiza o aspecto relacional em sua definição de rede, segundo a qual ela consiste num conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por um tipo específico de relação, sendo que os diferentes tipos de relações correspondem a redes diferentes, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo. Em outras palavras, dentro de uma mesma estrutura, existem relações diferentes e cada uma das diversas relações, internas a essa estrutura, pode ser considerada como rede dentro da rede. Tal raciocínio pode sugerir que a delimitação do formato da rede depende da perspectiva ou do olhar que se tem sobre a rede.

Em se tratando dos conceitos de Granovetter (1985), pode-se verificar que a teoria das redes sociais parte do princípio de que conexões entre indivíduos possuem, em sua constituição, elementos básicos de agregação das relações sociais, os quais se amparam na relação e na confiança entre os atores. Nesse sentido, esses pontos permeiam a dinâmica da rede em que a prevalência de laços fortes, embora possa facilitar o consenso grupal, tende a reforçar as barreiras excludentes de acesso ao grupo, deixando-o isolado. As “pontes” representariam os pontos de conexão e de contato eventuais e menos densos - constituindo os “laços fracos” - entre diferentes grupos e redes sociais. Tendo em vista os conceitos apresentados, faz-se necessário focalizar o estudo de redes sociais voltado para esta dissertação em seus aspectos relacionais.

### **5.1 Redes sociais: um foco na relação**

Enfatizando o aspecto relacional, diversos autores, anteriormente citados, conceituam redes sociais como um conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação, em virtude do processo acerca do qual ela se organiza. Existe, ainda, a constatação de que uma rede pode abrigar várias redes sociais.

O aspecto relacional das redes sociais, tendo como pontos centrais os laços e os vazios estruturais, respectivamente referentes à Granovetter (1983; 1985) e Burt (1992), pode subsidiar o questionamento sobre a forma como se instituiu e como são mantidas as relações na Rede de ITCPs.

Dabas (1995) comenta que a dinâmica relacional em redes implica em um processo de construção individual e coletivo permanente. É um sistema aberto que possibilita, por meio do intercâmbio entre seus membros e com os membros de outros grupos sociais, uma potencialização dos recursos humanos, sociais e econômicos.

Corroborando tal afirmação, pode-se dizer que o conceito de relacionamento em rede significa a criação e o desenvolvimento de um canal de troca de informações, com papéis sociais definidos, no qual predominam a cooperação e a interdependência, com valores e objetivos partilhados, em um sistema circular de confiança e cooperação (Ebers & Jarillo, 1997, 1998).

No contexto de redes sociais, como já afirmado anteriormente, a fluidez e a diversidade são características dessas estruturas (Barnes, 1987; Aguiar, 2003). Assim, por seu caráter complexo, a rede pode envolver atores sociais heterogêneos, ligados por características diversas, tais como o parentesco, a amizade, a etnia e a identidade.

Esse caráter heterogêneo dos atores que constituem uma rede pode influenciar na diversidade de formas e relações dentro de uma estrutura em rede. Nesse sentido, pode-se dizer que as relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo. A forma da relação compreende dois aspectos básicos, a intensidade ou a força do laço entre dois atores e a frequência. Já o conteúdo é dado pela natureza dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva, entre outros). E, nessa direção, as relações que se estabelecem em uma rede social podem ou não ser intensas ou, como menciona Granovetter (1983), as relações interpessoais podem ser fortes ou fracas.

Neste ponto, faz-se necessário o resgate do conceito de laços apresentado por Granovetter, pois, dependendo do tipo de relação, os laços podem proporcionar a redundância em informações ou a oxigenação dos contatos. Logo, laços fracos – *weak ties* – podem ser tratados como os laços superficiais ou casuais que se caracterizam por pouco investimento emocional e como sinônimo de diversidade. Esse tipo de laço agrega, ainda, valor ao conectar cada ator a outros atores que fornecem diferentes fontes de informação (Granovetter, 1983). Em outros termos, os laços fracos ligam pessoas com



menos afinidades e têm o potencial de colocar grupos homogêneos em contato, ampliando a possibilidade de difusão de conhecimento, de mobilidade e de coesão social. Logo, constata-se que são os laços fracos os responsáveis pela comunicação e pelas trocas na sociedade, sendo imprescindíveis à manutenção da coesão social.

Por outra via, as relações fortes são ligações entre pessoas com afinidades e semelhanças, que tendem a formar grupos homogêneos e fechados. A tese de Granovetter é a de que uma sociedade organizada preponderantemente com base em laços sociais fortes tende, paradoxalmente, à desagregação, devido ao isolamento dos grupos em si mesmos (Granovetter, 1983).

Burt (1992) observa, nessa direção, que, quando o contato é feito entre pessoas ou “nós” de pessoas que já se conhecem, é muito provável que as informações compartilhadas sejam as mesmas. Tais contatos são redundantes e novas rotas de acesso às informações e recursos não são criados, visto que o ciclo de contato e relacionamento está fechado na estrutura criada.

Para a verificação desse tipo de laço, devem-se observar fatores, como combinação de quantidade de tempo que as pessoas passam juntas, de intensidade emocional, de intimidade e confiança mútua e de serviços recíprocos prestados (Granovetter, 1983).

Até este momento, o aspecto relacional dentro de redes figura por sua forma e conteúdo, podendo ser relações de natureza forte ou fraca. Mas, para Burt (1992), a rede não é consequência, apenas, das relações que de fato existem entre os atores ou “nós”; ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores, o que Burt (1992) denominou de “vazio estrutural”. E, para entender a noção de “vazio estrutural” de Ronald Burt, é importante a compreensão de que pessoas diferentes podem se encontrar desconectadas numa estrutura social.

Portanto, em uma rede podem existir “nós”, atores, que não possuam contato direto entre si, estando configurado, então, o “vazio estrutural”, o que parece sinalizar uma falha na estrutura. O “vazio estrutural” pode, ainda, representar uma oportunidade de agenciar o fluxo de informação e controlar os projetos e as formas que trazem em conjunto tais pessoas, pois, no trabalho de Burt (1992), o acesso às novas informações é uma importante dimensão na aplicação de estratégias nas redes.

A abordagem de Burt (1992) parece assumir uma perspectiva em que a rede parte do indivíduo. Entretanto, para a construção da teoria dos “vazios estruturais”, o autor amarra essa perspectiva à noção de rotas de acesso para outras redes.

É importante destacar que, para Burt (1997), existem dois benefícios que decorrem das redes – os de informação e os de controle –, tendo funções de indicadores de redundância: a coesão e a equivalência estrutural. Os contatos de coesão retêm as mesmas informações e, portanto, fornecem redundantes benefícios. E, na equivalência estrutural, as fontes de informação, sendo as mesmas, não propiciam benefícios diferenciados.

Esses benefícios parecem ter aderência no debate proposto por Castells (1999), no trato do desempenho de uma rede, além do aspecto relacional, mencionado no atributo da conectividade. Sendo assim, o autor argumenta que o desempenho de uma determinada rede depende de dois atributos: primeiro, a conectividade, ou seja, a capacidade estrutural de facilitar a comunicação sem ruídos entre seus componentes, representando, assim, a intensidade e a frequência da interação entre indivíduos, grupos e organizações. Essa dimensão deve ser percebida em sua amplitude de possibilidades e estando vinculada ao aspecto relacional. Segundo, a coerência, isto é, a medida que há interesses compartilhados entre os objetivos da rede e os objetivos de seus atores.

Diante do que vem sendo exposto, a formação, o funcionamento, os vínculos que unem os atores e a expectativa dos mesmos junto à rede a qual estão atrelados constituem o objeto do presente estudo. E, como afirmam Junqueira & Abramovay (2005), o tipo de laço/vínculo estabelecido entre os atores envolvidos na rede é determinante no funcionamento das relações. Assim, o laço construído de maneira durável entre os atores da rede será determinante no cumprimento dos objetivos estabelecidos. Esses aspectos são tratados de forma mais específica no capítulo seguinte.

## 6 VÍNCULOS SOCIAIS

Nesta passagem do texto, os vínculos sociais são abordados dando sequência ao debate sobre relações, de modo particular na estrutura das redes sociais como mencionado pelos autores apresentados anteriormente. Por essa via, o aspecto relacional ganha ênfase na discussão teórica de vínculos sociais, em especial amparado pela construção conceitual realizada por Eugene Enriquez, teórico que subsidiou os estudos de Kramer & Faria (2007). Em particular, o trabalho desses autores é ressaltado pela contribuição à parte analítica do presente estudo.

De forma geral, vincular-se significa estabelecer uma relação, um elo com algo ou alguém. Desse ponto, podem-se ter relações formais e ou informais, sendo os vínculos e seus formatos, configurações pré-estabelecidas ou, ainda, acontecendo sem um prévio estabelecimento.

Nesta seção buscar-se-á melhor entendimento sobre o que vem a ser vínculo, como ele se dá e se mantém. Para tanto, a apresentação do tema ocorrerá no debate das formulações conceituais de vínculo social.

Em consulta a dicionário da língua portuguesa, observam-se as seguintes definições de vínculo: a) aquilo que ata, liga ou aperta (duas ou mais coisas); nó, liame; b) o que estabelece um relacionamento lógico ou de dependência; c) que liga duas ou mais pessoas; relação; relacionamento; d) o que impõe uma restrição ou condição (Ferreira et al., 2004). A definição de vínculo traz a ideia de atar com ligaduras ou nós, o que sugere um efeito duradouro. Nessa direção, pode-se dizer que o vínculo pressupõe a existência de, no mínimo, duas pessoas e ou grupos, podendo-se ampliar para família e organizações.

Zimmerman (1997) ressalta que o social e o individual não existem separadamente, mas estão ligados numa relação de complementaridade que

possibilita afirmar que todo indivíduo é um grupo, embora cada qual conserve suas identidades próprias. Ou seja, o fato de o grupo constituir uma entidade com uma identidade grupal própria não exige seus integrantes de manterem suas identidades individuais. Compreende-se o grupo não como um somatório de indivíduos, mas uma entidade com características específicas e identificatórias próprias ao arranjo coletivo.

Para Pichon-Rivière (1988), o vínculo tem configuração e função específica, particular na relação entre indivíduos. Nas palavras do autor, “vínculo é a estrutura especial onde, entre um sujeito e um objeto existe uma relação particular, interpessoal, que inclui a relação do sujeito frente ao objeto e do objeto frente ao sujeito, cumprindo os dois uma determinada função” (Pichon-Rivière, 1988, p.128). Observa-se a característica recíproca no relacionamento vincular, em que, para além da simples ligação unilateral do sujeito, existe também a relação por parte do objeto, fato que parece indicar para dois polos de constituição dos vínculos, um interno e outro externo.

Nessa via, Berenstein & Puget (1997) indicam a noção de vínculo por duas formas distintas no aparelho psíquico, a saber: o intrassubjetivo, ou mundo das representações internas e funciona mesmo sem a relação ou contato físico com outro, formado também por relações mais próximas, como grupos primários e o trans-subjetivo, ou social, no qual se encontram as instituições e os grupos sociais, com os quais formamos nossa identidade social. O vínculo se constrói e se dá desde a dimensão psíquica até o aparato social, na interação entre o simbólico, o imaginário e o real do indivíduo.

Esta formulação também foi feita por Pichon-Rivière (1988), corroborando a ideia de que nos vínculos encontram-se dois campos: o interno, relacionado ao mundo intrapsíquico, às relações de objeto, estudado e compreendido em termos profundos pela psicanálise e o externo, relacionado ao mundo social e explicitado pela noção de papel. Na teoria do vínculo de Pichon-

Rivière (1988) estão incluídos sujeito e objeto, o campo de interação e a conduta, em que se apreende que objetos internalizados motivam as relações de papéis (Pichon-Rivière, 1988). Essas relações de papéis podem ser entendidas como sendo a função que os indivíduos assumem na interação com outros atores, ou seja, quem eu sou, ou o que faço na relação interpessoal.

Até o presente momento, é possível pontuar que os vínculos entre os indivíduos, entre estes e seu grupo(s) e entre os próprios grupos são os enlaces necessários para que seja possível construir a humanidade do sujeito. E, quando se fala de humanidade, fala-se da condição do ser que nos é possibilitada pela cultura. Para Fernandez et al. (2003, p.44), vínculo é a “estrutura relacional em que ocorre uma experiência emocional entre duas ou mais pessoas”. Logo, os vínculos podem ser compreendidos como relações afetivas e sociais que os indivíduos mantêm entre si e com o(s) outro(s).

Essas relações afetivas e ou sociais caracterizam os vínculos, saltando aos olhos o aspecto relacional, tanto na esfera interpessoal quanto grupal ou organizacional, bem como o caráter formativo, de constituição dos seres, grupos e organizações. Desse modo, Durand (2005) comenta que o vínculo dá contorno à transcrição psíquica das formas sociais, sendo, ainda, o veículo por onde circula o conteúdo humano de uma relação social.

Em outra direção, Carvalho (2005) propõe, como conceituação de vínculo, um padrão diferencial de interações entre parceiros em uma situação social, expressando seletividade em relação a certos parceiros ao longo de um período de tempo. Tal definição implica em dois aspectos relevantes no estabelecimento dos vínculos, a saber: seletividade e durabilidade. Ou seja, quais são os indivíduos aos quais os atores se vinculam? Como se dá tal escolha? E, ainda, quanto tempo a relação estabelecida dura ou deve durar? A questão temporal está ligada diretamente aos objetivos da relação ou pode transcendê-la? Desse modo, pode-se dizer que o vínculo, persistente no tempo, favorece a

continuidade das coisas socialmente construídas que, por sua vez, favorece o fortalecimento dos vínculos e, possivelmente, seu desdobramento em outras relações? Essas e outras questões figuram como pontos importantes no debate da constituição e da manutenção dos vínculos.

Seguindo tais questionamentos, vale ressaltar que, para Pichon-Rivière (1988), o estudo dos vínculos ganha contornos centrais nas relações entre indivíduos e organizações por sua amplitude de significados e sentidos, abarcando desde preceitos inconscientes a constructos sociais. Tem-se, assim, uma possibilidade de investigação no âmbito psicossocial, sócio-dinâmico e institucional, alicerçada na perspectiva dialética da constante interação entre aspectos e relações internas e externas, tanto no que diz respeito aos indivíduos, como aos grupos e ou organizações.

Numa análise mais recente sobre a formação e a manutenção dos vínculos sociais nas organizações, Enriquez (1997) considera três momentos diferentes na história das organizações empresariais que influenciam o modo de atuação das pessoas e, conseqüentemente, os vínculos sociais constituídos em cada um desses momentos. Assim, esse autor interpreta o primeiro momento como sendo das organizações guiadas pela lógica da racionalidade, voltadas para a produção de bens e cedendo pouco espaço para a imprevisibilidade. A organização é, nessa ótica, comparável a uma máquina cujas diversas engrenagens (técnicas e humanas) são perfeitamente substituíveis e que deve funcionar, graças a uma estrutura de previsão e de manutenção, com o mínimo de custos técnicos e sociais (Enriquez, 1997, p. 9).

Os vínculos são constituídos pelas inter-relações entre os sujeitos, em sua dinâmica interna ou externa, ao mesmo tempo em que eles são constitutivos desses sujeitos e de suas inter-relações. Guareschi (1999, p. 142) enfatiza a nomenclatura “relação” para afirmar que “o ser humano é um ser que se constrói e se constitui a partir de milhões de relações que ele estabelece com todos os seres

existentes”. Os vínculos devem ser entendidos, ainda, como sendo as relações entre indivíduos e ou organizações que tanto influenciam quanto são influenciados na e pela dinâmica relacional. As estruturas das relações e dos vínculos sociais são aspectos teóricos de interesse direto deste estudo, aspecto que será tratado a seguir.

### **6.1 Relações e estruturas**

O caráter relacional dos vínculos pode ser visto, na forma estrutural, como já mencionado nas redes sociais, em que os nós nada mais são que atores e as pontes/elos, os laços ou vínculos que os unem. Neste contexto, a ideia de redes sociais aparece como sendo semelhante ao que se pode chamar de redes de vínculos. Ou seja, em um grupo, ou organização, é fato raro que as relações estejam estruturadas de modo a serem isoladas. Uma relação bilateral pode se desdobrar em tríades, em grupos de quatro ou mais relações.

O conceito original de estrutura de grupo pode, deste ponto de vista, ser ampliado para uma concepção de subgrupos como malhas ou nós de uma rede dinâmica de relações sociais (vínculos – sejam estes, positivos ou negativos, relações de aproximação ou de evitação), na qual cada indivíduo se situa e da qual faz parte. É nesse tecido, ou malha social concreta, que o conhecimento, a identidade e o pertencimento cultural podem vir a ter a possibilidade de se efetivar (Carvalho, 2005).

Tais características foram pontuadas por Burt (1992), ao mencionar que existem redes dentro de rede, ou seja, em uma estrutura, outras subestruturas, ou estruturas menores, existem e se relacionam de forma tanto interna quanto externa.

Sobre a multiplicidade de relações, Sluzki (1997) comenta que as redes sociais organizam a identidade, oferecem sentidos, confirmam as competências e



ações, indicam lugares e papéis nos vínculos e atenuam situações de crise. E podem, ainda, oferecer diversas configurações vinculares para os atores nela envolvidos, sendo, então, companhia social, de apoio emocional, de guia cognitivo e conselhos, de regulação social, ajuda com bens materiais ou de serviços ou com forma de acesso a novos contatos. Pode-se dizer, ainda, segundo Sluzki (1997), que um mesmo vínculo pode ter mais de uma função; uma pessoa pode ter vínculos diferentes com diferentes funções, enquanto outra pode se concentrar em vínculos com uma mesma função.

Ainda para este autor, os atributos dos vínculos referem-se a diversos fatores, como predominância de suas funções; versatilidade, isto é, um vínculo com função de companhia social pode, em determinado momento, tornar-se apoio emocional; reciprocidade; intensidade ou compromisso da relação ou grau de intimidade; frequência do contato ou intensidade e, por último, a história da relação, que pode indicar diferentes significados.

Sobre atributos e características dos vínculos, Pichon-Rivière (1988) argumenta que a relação vincular é constituída de redes sociais, normas, valores e expectativas compartilhadas por um grupo, e de sanções que mantêm tais normas e redes sociais. O autor indica, ainda, que estas podem se caracterizar como relações vinculares, quando tem a função de unir, agrupar, o que ocorre em pequenos grupos como família, amigos, vizinhança e grupos de amigos; e como rede de suporte, a construção de redes quando tem a função de servir de ponte e abrir caminhos, própria de grupos de conhecidos, associações, movimentos sociais e de relações estabelecidas entre comunidades. Nota-se aqui uma distinção funcional entre grupos primários, que seriam relações mais próximas, como família e amigos de grupos secundários, constituídos por organizações e grupos sociais e comunitários, as quais não teriam, a priori, intenções afetivas na sua constituição.

Seguindo essa linha argumentativa, Freitas (2005) afirma que as redes sociais estão estruturadas em seu caráter vincular e possuem três eixos básicos direcionais determinantes. Primeiramente, são estruturadas em vínculos de âmbitos sociais, como família, pautados pela racionalidade e pela sociedade; em segundo lugar, estruturado em vínculos afetivos, modalidades da sociabilidade, com relações de cooperação, solidariedade, senso de justiça e política e, por último, ligado a vínculos culturais, estão aqueles que constituem o campo de significados inerentes ao encontro com os objetos e com as pessoas, no limiar da sociedade e da cultura, se constituindo como a própria natureza dos vínculos sociais.

Constata-se, então, que a estrutura de redes sociais necessita dos vínculos sociais para a sua efetivação e vice-versa; os vínculos acontecem por meio das e nas redes, este último ocorrendo, segundo Freitas (2005), por influência social, afetiva e cultural. Tais aspectos direcionam o presente debate para o questionamento sobre a constituição dos vínculos.

Por esse caminho, Kramer & Faria (2007), em um estudo sobre vínculos organizacionais, apontam alguns aspectos os quais intitulam de “elementos constitutivos” dos vínculos organizacionais. Dentre eles, interessam sobremaneira alguns para o presente trabalho, cujo objetivo é tratar da constituição e da manutenção dos vínculos sociais na Rede de ITCPs, elementos que auxiliarão a análise na busca por uma melhor compreensão do objeto deste estudo.

Toda análise proposta por Kramer & Faria (2007) se baseia nas perspectivas de Enriquez (1997; 2001). Este autor comenta que o grupo se forma em torno de uma tarefa ou uma ação a ser executada. A idealização, a ilusão e a crença permitem a construção de um projeto comum. “Para que um grupo se cristalice e se atribuam os meios de ação, é necessário que se refira a um grande plano que o assegure de seu poder” (Enriquez, 1997, p. 93). Não importa a

natureza da causa, o fundamental é que ela exista para ser defendida. Alguns grupos podem ceder à tentação da paranoia e se denominarem “os melhores” ou se recolherem nos ideais comunitários.

O trabalho de Kramer & Faria (2007) encontra-se próximo do debate apresentado na sessão sobre redes sociais, em especial no trato dos laços e das relações, mencionada, principalmente, por Granovetter (1983, 2000) e também por Burt (1992).

Assim, tendo como referência o trabalho de Kramer & Faria (2007), os elementos citados a seguir serão adaptados como forma de auxiliar a análise proposta no presente estudo. Portanto, têm-se os seguintes “elementos constitutivos” dos vínculos organizacionais:

a) **identificação com a organização**, no caso da Rede de ITCPs, a questão norteadora desse elemento está na direção de se compreender como ocorre a identificação das ITCPs com a Rede que elas compõem. Segundo Enriquez (1983), a identificação é um mecanismo importante não somente para compreender a vida dos grupos, como também o funcionamento do psiquismo, uma vez que expressa a existência de um laço emocional com outra pessoa. Com base na leitura de Freud, esse autor afirma ainda que “[...] as formações coletivas só são compreendidas se associadas ao mecanismo de identificação e, em particular, a certas formas de identificação primitivas.” (Enriquez, 1983, p. 66). Enriquez (2001) argumenta, ainda, que, para a execução de um projeto comum, são necessárias a identificação e a idealização do projeto. Na direção do primeiro aspecto, é importante que a organização sinta que faz parte do projeto e que, assim, o projeto também seja dela. Dito de outra forma, uma incubadora deve se conter e estar contida no projeto comum (rede);

b) a **idealização da organização** figura na esfera da crença. Neste caso, deve-se acreditar que a rede se constitui como um projeto benéfico, que oferece oportunidades, afasta ou não oferece riscos, etc. Atenta-se para o fato de que a

crença, em alguns casos, está próxima da ilusão e, nesse sentido, pauta-se na ilusão de que uma construção “perfeita” pode impedir o foco nos problemas cotidianos que ocorrem nas estruturas. Assim, a idealização da organização deve ser concebida no fortalecimento do projeto comum. Aqui estão presentes, ainda, aspectos como a imagem e o conceito que as incubadoras têm da Rede de ITCPs;

c) **sentimento de pertença.** Essa sensação possibilita estabelecer a identidade da rede e de cada incubadora como sendo integrante dessa estrutura. Nesse ponto poderão aparecer, como características, reações de orgulho no pertencimento, responsabilidade pela organização e defesa ao sinal de críticas, entre outros;

d) **cooperação na atividade e solidariedade** se traduz na contribuição para a tarefa grupal (Pichon-Rivière, 1998), ou seja, é o que cada um faz para que o trabalho de todos, dentro da organização, tenha uma função e um objetivo. Tal ponto concatena com os princípios da economia solidária e da dinâmica da Rede de ITCPs, podendo ser observados nos aspectos de reivindicações, funcionamento da rede, produção acadêmica entre outros. Conforme Pagès (1976), a formação de vínculos entre os membros de toda organização social está assentada em sentimentos de solidariedade que respeita a autonomia individual, aliados a temores que ameaçam a própria possibilidade da solidariedade, como o medo de que o outro seja um traidor ou um grande inimigo;

e) **criação de inimigos.** Esse é um processo frequente em grupos e organizações. Enriquez (2001) pontua que o estabelecimento de inimigos, externos ou internos, fortalece os vínculos pelo reforço dos sentimentos de identificação e pertença. Desse modo, acredita-se que o projeto da Rede de ITCPs venha a apresentar um contraponto, o qual busca superar ou mesmo aniquilar e o conhecimento e a percepção desse(s) pelas incubadoras devem ser

questionados, visto que pode ser considerado como um instrumento de coesão do grupo;

f) **participação nas decisões.** Este ponto indica o grau de controle que os membros da rede possuem sobre diversos elementos da organização. Tal aspecto pode assumir duas formas de análise: uma primeira, pelo aspecto da participação, em que se pode verificar como se dá, qual a forma e a intensidade da participação das incubadoras na dinâmica da rede e, por outro lado, especificamente na participação das decisões, com avaliação das formas e canais propícios para tal participação;

g) **integração entre os membros.** Pode-se ligar esse elemento aos vínculos formais e informais, devendo-se identificar a integração e a dificuldade de relação entre as incubadoras, o planejamento e a organização de atividades e ações, o trabalho conjunto entre incubadoras e, ainda, o conhecimento da Rede de ITCPs em seus diversos aspectos;

h) **autonomia.** Busca-se a compreensão do grau de autonomia de cada incubadora frente à estrutura da rede, seja nas formas de trabalho, seja no controle. Segundo Kramer & Faria (2007), a autonomia, à medida que proporciona condições para que os indivíduos se organizem para o trabalho da forma definida por eles, cria um campo propício para que eles possam estabelecer vínculos com a organização, preocupando-se com o seu desempenho, suas políticas, seus resultados e seus problemas.

Acredita-se que a utilização desses e de outros elementos possa auxiliar uma melhor compreensão dos aspectos relacionados à formação e à manutenção dos vínculos na Rede de ITCPs. E, a partir da realidade melhor mapeada e compreendida, ainda que não em sua totalidade, o que também não figura como objetivo desta proposta, espera-se que esta investigação favoreça, em alguns aspectos, a atuação da Rede de ITCPs e de seus membros.

## 7 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Nesta seção discute-se a natureza que envolve o trabalho, bem como a apresentação e a caracterização do seu objeto de estudo. Posteriormente, apresenta-se a forma como foram constituídas a amostra e a seleção dos entrevistados e, por último, apresentam-se os métodos de coleta e análise de dados empregados.

### 7.1 Natureza do estudo

A abordagem empregada utiliza procedimentos de natureza quantitativa e qualitativa. Métodos quantitativos foram empregados no intuito de fornecer elementos que possam subsidiar a execução dos procedimentos qualitativos, em especial, a identificação de atores que possam ser de relevância na elucidação dos objetivos.

Para tal procedimento, utilizou-se a análise de informações contidas em um mecanismo de comunicação formal e de livre acesso a todos os participantes das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Posteriormente, os dados foram tratados no software denominado PAJEK (2008)<sup>4</sup>, o qual forneceu um sociograma para análise.

Sobre a investigação qualitativa, pode-se dizer que é um questionamento contínuo das ações dos sujeitos, no intuito de perceber os objetivos buscados e as estratégias adotadas para estruturar os seus mundos, numa perspectiva social. O objeto de estudo da investigação qualitativa consiste no modo como as

---

<sup>4</sup> O PAJEK é um programa que permite criar e editar gráficos de todos os tamanhos. Ele tem alguns algoritmos e heurísticas implementadas para facilitar a descoberta de informações. Ao tratar os dados, o software fornece um sociograma, que é um tipo de gráfico utilizado para representar as redes sociais. No sociograma, os pontos/nós equivalem a atores e os segmentos de linhas correspondem aos laços.

peças entendem e experimentam “seus mundos” que, pela heterogeneidade e a subjetividade humana, formam múltiplas realidades a serem interpretadas. Para tais procedimentos, é necessário, de acordo com Bogdan & Biklen (1994), dar atenção aos elementos presentes na subjetividade humana. Para tanto, na dimensão qualitativa, utilizou-se o método de entrevistas semiestruturadas.

Isto posto, vale ressaltar que o presente estudo segue na direção de analisar a estrutura da rede de relacionamentos e dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs).

## **7.2 O universo da pesquisa**

O objeto deste estudo tanto se encontra nas incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, em suas percepções, objetivos e ações, como também na Rede de ITCPs, nas formulações, preceitos e direcionamento de suas ações.

Como forma de delimitar o universo da pesquisa, optou-se por desenvolver o presente estudo somente com as incubadoras afiliadas à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, o que limitou o estudo a, no máximo, 42 entidades (incubadoras afiliadas à Rede de ITCPs) e, dentre as quais, foram utilizados alguns critérios de escolha para participação nas entrevistas semiestruturadas.

## **7.3 Amostragem e seleção dos entrevistados**

A primeira etapa do processo metodológico teve por objetivo a definição da amostragem e a seleção das possíveis ITCPs que participariam das entrevistas. A escolha final das treze incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, que foram convidadas a participar da etapa qualitativa deste estudo, foi feita com base nos seguintes critérios:

a) participação na atual coordenação da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – no modelo de organização da Rede, existem dois coordenadores nacionais, responsáveis pela articulação e representação da mesma, em âmbito nacional e cinco coordenadores regionais, os quais estão divididos entre as grandes regiões geográficas brasileiras: norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. Este critério visa contemplar dois aspectos: primeiro, garantir maior abrangência do estudo e, segundo, obter a compreensão de quem está à frente dessa organização;

b) tempo de filiação na rede – as ITCPs foram estratificadas em três categorias por tempo de filiação na Rede Universitária, quais sejam: pioneiras, com nove anos ou mais de filiação; intermediárias, com filiação há mais de três anos e novatas, aquelas filiadas há menos de três anos.

c) análise do sociograma de relacionamento – buscou-se analisar um instrumento de comunicação e relacionamento formal e de livre acesso a todos os participantes das 42 ITCPs, a saber, um grupo de troca de mensagens virtuais, o Yahoo! Grupos®. Este procedimento teve o objetivo de identificar os relacionamentos formais nesse instrumento, podendo categorizar, assim, entre outros fatores, a relação e a centralidade de atores neste instrumento de comunicação.

#### **7.4 Coleta de dados**

Buscou-se levantar o acervo bibliográfico possível acerca do tema da pesquisa, publicado em periódicos nacionais e internacionais, livros, dissertações e teses, dentre outros. A pesquisa bibliográfica, conforme considera Dencker (1998, p.125), é a consulta aos materiais já elaborados ou as informações já sistematizadas, como livros, teses e artigos científicos. A autora argumenta que toda pesquisa requer uma fase preliminar de levantamento e revisão da literatura existente para a elaboração conceitual e a definição dos



marcos teóricos. A bibliografia selecionada foi lida, fichada e sistematizada em forma de texto teórico.

Primeiramente, utilizou-se a seleção de sete incubadoras, as quais possuem representantes na coordenação da Rede, em âmbito nacional e regional. Estas foram selecionadas por sua função na estrutura organizacional e para assegurar a participação de, no mínimo, uma incubadora por região geográfica do Brasil, o que garantiria, ainda que em parte, uma representatividade das diversas regiões participantes da Rede Universitária de ITCPs. Posteriormente, as incubadoras foram classificadas em três estratos com base no tempo de filiação à Rede.

No Quadro 1 é possível visualizar todas as ITCPs participantes da Rede Universitária e seu tempo de filiação<sup>5</sup> na mesma.

QUADRO 1 Relação das ITCPs e tempo de filiação na Rede até 2009

INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES	Tempo de filiação, em anos
Centro Universitário Fundação Santo André - FSA	10
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPe	10
Universidade de São Paulo - USP	10
Universidade do Estado da Bahia - UNEB	10
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	10
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	10
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	10
Universidade Federal do Paraná - UFPR	10
Universidade Católica de Pelotas - UCPEL	09
Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ	09
Universidade Regional de Blumenau - FURB	09
<hr/>	
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS	07
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	07
Centro Federal de Educação Tecnológica/BA - CEFET/BA	05
Universidade Federal de Viçosa - UFV	05
Universidade Comunitária Regional de Chapecó -UNOCHAPECÓ	04

<sup>5</sup> A filiação à Rede se dá por aprovação geral nos encontros da Rede.

QUADRO 1 “...continua...”

Universidade Federal de Lavras - UFLA	04
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS	04
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados	04
Centro Federal de Educação Tecnológica CEFET/RJ	02
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG	02
Universidade Salvador - UNIFACS	02
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	02
Centro Universitário La Salle - UNILASALLE	02
Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI	02
Fundação Getúlio Vargas/SP- FGV	02
Universidade Federal de Rio Grande - FURG	02
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC	02
Centro Universitário Feevale - FEEVALE	01
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI	01
Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES	01
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	01
Universidade Estadual de São Paulo – UNESP – Franca	01
Universidade Estadual de São Paulo – UNESP – Assis	01
Universidade Federal da Bahia - UFBA	01
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD	01
Universidade Católica de Salvador - UCSAL	01
Faculdade Fransinetti do Recife - FAFIRE	01
Universidade Federal do Tocantins - UFT	01
Universidade Regional do Nordeste do Estado do RS - UNIJUI	01
Centro Universitário Cerrado - Patrocínio - UNICERP	01
Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri UFC	01

É importante ressaltar que o levantamento desta informação não constituiu em tarefa simples, pois não existe um registro único do tempo de filiação das Incubadoras. Assim, coube ao pesquisador recorrer ao material produzido pela Rede (atas, estatuto) e, ainda, contatar algumas ITCPs para averiguação de datas e outros dados.

Após a estratificação, observou-se um número maior de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares na categoria novatas, com menos de três anos de filiação na Rede. Pode-se observar a distribuição das ITCPs, por tempo de filiação, na Figura 2.

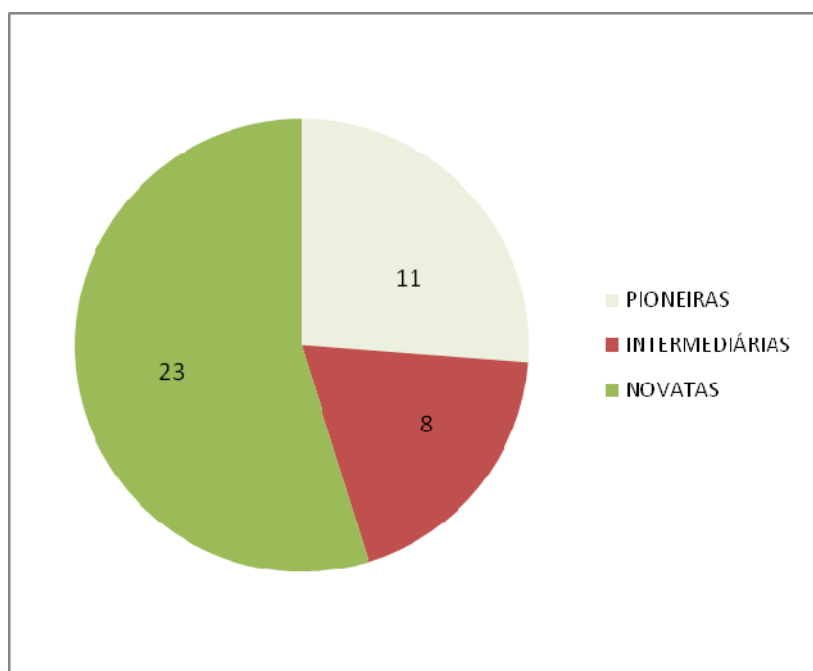


FIGURA 2 Distribuição das ITCPs por estrato

Paralelamente à estratificação das incubadoras, buscou-se analisar um mecanismo de comunicação e relacionamento virtual<sup>6</sup> e de livre acesso por todos

---

<sup>6</sup> Yahoo!Grupos® é um serviço gratuito que permite reunir grupos com interesses em comum por meio de um *web site* e grupo de e-mail. Ele oferece uma forma conveniente de conectar-se com outras pessoas, sem a necessidade de conhecer HTML para se criar um grupo. Para utilizar este serviço, basta cadastrar-se no site Yahoo! Essa ferramenta permite que seus membros troquem mensagens entre si, uma forma de relacionamento virtual muito eficiente. O Yahoo!Grupos® permite o envio de mensagens a todos os

os participantes das ITCPs. Esse mecanismo de troca de mensagens virtuais concentra participantes das 42 incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e funciona desde 20 de setembro de 2006. Esse procedimento teve o objetivo de identificar os relacionamentos formais na Rede de ITCPs, podendo categorizar, assim, entre outros fatores, a relação e a centralidade de atores neste instrumento de comunicação, o que indicaria alguns informantes privilegiados.

Para análise do banco de dados deste mecanismo de comunicação, padronizaram-se os tipos de mensagens recorrentes. Os e-mails foram classificados em dois grupos: Relação e Divulgação. Apenas o primeiro grupo RELAÇÃO foi utilizado para a elaboração do sociograma final.

Vale ressaltar que interessou-nos, sobretudo, a categoria Relação, em que, por exemplo, um integrante da ITCP “A” estabelecia contato por meio de uma mensagem direcionada à ferramenta de comunicação, com um membro da ITCP “B”. Este tipo de contato poderia se dar nas diversas formas, frequências e múltiplos destinatários.

Os e-mails classificados na categoria Divulgação foram enquadrados desse modo por suas características, desde disseminação de informações de editais e eventos, à divulgação de boletins informativos. E, por sua natureza, no entender do pesquisador, não configuravam uma relação direta entre as ITCPs, mesmo tendo o caráter comunicativo.

Foram analisados, assim, os e-mails postados entre 20/09/2006 a 28/04/2009, obtendo uma amostra de 2.178 mensagens. Após a análise das informações fornecidas pelo Yahoo!Grupos, os dados foram tratados no software Pajek (2008) que forneceu um sociograma com laços não orientados e

---

membro da rede específica, o que proporciona aos seus usuários o conhecimento de todas as trocas de mensagem por meio da rede e também a divulgação facilitada de informações a todos os membros.

valorados, possibilitando a visualização de uma rede formal de relacionamento entre os membros das ITCPs.

A partir dos resultados obtidos com a aplicação do programa Pajek (2008) foram eleitas seis ITCPs, por critério de centralidade, tendo sido excluídas as incubadoras já inseridas por meio dos outros dois critérios de eleição. Respeitaram-se, ainda, na seleção dessas incubadoras, duas representantes de cada estrato, utilizando-se a classificação fornecida pelo Pajek (2008).

Assim, com sete incubadoras presentes na coordenação nacional e regional e mais seis ITCPs fruto da seleção entre sociograma e estratificação, obteve-se um número total de treze incubadoras tecnológicas de cooperativas populares que tiveram seus representantes entrevistados, as quais estão listadas no Quadro 2.

Logo, de modo elucidativo, vale ressaltar que, para se obter o número de incubadoras que foram entrevistadas, utilizaram-se os recursos de avaliação da participação formal pelo instrumento de comunicação, da estratificação por tempo de filiação das ITCPs, bem como da participação no colegiado gestor da Rede.

QUADRO 2 ITCPs estudadas

Nº	ITCPs
1	UCPEL
2	UNILASALLE
3	UNEB
4	UFT
5	UFMS
6	UNESP/ASSIS
7	UFPR

Quadro 2 “...continua...”

8	UFSJ
9	UFRPE
10	UFRGS
11	FURB
12	UNISINOS
13	UNIFEI

A partir de tal classificação das ITCPs, enquadradas no perfil descrito, foram convidadas a participar de uma entrevista semiestruturada as incubadoras consideradas mais centrais na estrutura da Rede.

Na sequência do trabalho, foram preparadas as entrevistas semiestruturadas. Conforme comentam Alencar (1999) e Alencar & Gomes (1998), a entrevista é o método de coleta de informações com vasta utilização nas pesquisas sociais, podendo ser utilizada como técnica principal para um estudo ou combinada com outras.

No presente estudo, as entrevistas foram realizadas pelo pesquisador e ou por membros da INCUBACOOP-UFLA, executora do projeto financiado pela Fapemig ao qual este estudo está vinculado. Utilizaram-se um gravador e a relação das perguntas norteadoras para a tônica da conversa. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou por meio digital, com a utilização de programas de comunicação *on line*, como, por exemplo, *Skype* e *MSN*. Todas as entrevistas ocorreram entre junho e outubro de 2009, totalizando aproximadamente 556 minutos. Os entrevistados figuravam como informantes privilegiados das e nas incubadoras escolhidas.

A escolha da entrevista como técnica de coleta de informações se deve ao fato de ela permitir o acesso a informações de difícil obtenção por meio da

observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. O propósito da entrevista é fazer com que o entrevistador se coloque dentro da perspectiva do entrevistado, mais do que em outros instrumentos de pesquisa que, em geral, estabelecem uma relação hierárquica entre ambos. Na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde (Lüdke & André, 1986).

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de entrevistado e sobre os mais variados tópicos. A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (Lüdke & André, 1986).

Para Alencar (1999), a entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos apoiados no problema de pesquisa e amparados em teorias e objetivos do estudo, oferecendo vasto espaço de interrogativas, resultante do diálogo com os informantes. Segundo Pereira (2007), algumas questões orientadoras da entrevista são elaboradas a priori e complementadas à medida que vão aparecendo mais informações, sejam secundárias ou primárias, em um processo contínuo de retroalimentação.

Para Lüdke & André (1986), a entrevista semiestruturada, além de estar amparada em questionamentos básicos e pré-estabelecidos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, oferece, ainda, amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. Este, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. É

importante mencionar que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semiestruturada são o resultado não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno que interessa.

Para Alencar (1999), a entrevista semiestruturada é formada por questões abertas, as quais são padronizadas e devem estar estruturadas na forma de um roteiro. A vantagem deste tipo de entrevista é permitir que o entrevistado manifeste suas opiniões, seus pontos de vista e seus argumentos. O uso de uma entrevista semiestruturada requer do entrevistador habilidade na aplicação, estimulando o entrevistado a aprofundar as suas respostas, mas sem induzi-las.

Sobre o roteiro, sua finalidade é explorar melhor a entrevista, uma vez que os tópicos inicialmente abordados podem ser desdobrados em outras questões relevantes para o universo pesquisado. “O roteiro constitui uma relação de tópicos a serem cobertos durante a entrevista” (Alencar, 2004, p. 84). No caso deste estudo, podem-se verificar, no apêndice, questões que foram utilizadas nas entrevistas.

Para a execução das entrevistas semiestruturadas utilizaram-se, como base, as recomendações de Alencar (1999), quais sejam: devem-se iniciar as entrevistas com uma explanação sobre os objetivos da pesquisa, o motivo pelo qual o entrevistado foi selecionado, a importância das respostas para o estudo e que as respostas serão analisadas em conjunto com a de outros entrevistados, mantendo o anonimato.

Tomou-se, também, o cuidado de se seguir as etapas propostas por Pereira (2007, p.19), em que:

- as entrevistas deverão ser previamente agendadas com os atores sociais a serem entrevistados, estabelecendo horário e local e acordando se a entrevista poderá ou não ser gravada;



- deverão acontecer em um ambiente a proporcionar um clima de tranquilidade e confiança entre entrevistador e entrevistado, dando oportunidade para o entrevistado explicar suas preocupações e possibilitando que o entrevistador introduza questões diretivas nos meandros das respostas;
- deve-se também evitar que os entrevistados permaneçam ou fiquem calados por um tempo exacerbado ou que a entrevista chegue a um ponto “morto”. Deve-se, então, introduzir novas questões ou reiniciar o último aspecto mencionado na entrevista.

Todos esses procedimentos visaram melhor execução das entrevistas, o que facilitou a obtenção das informações que se fizeram relevantes para o presente estudo.

Assim, seguindo as recomendações acima mencionadas, antes do início das entrevistas propriamente ditas, foi feito um contato informal com o membro responsável pela incubadora, para apresentação do pesquisador e da pesquisa, expondo os objetivos, a relevância social, os critérios utilizados para a seleção das referidas ITCs e a segurança quanto ao sigilo das identidades.

### **7.5 Análise das informações coletadas**

A análise das informações obtidas e construídas foi realizada após cada etapa do trabalho. Isso feito na estratificação, sociograma e entrevistas, consistindo na checagem de todo material coletado, o que permitiu a orientação e a realização da próxima etapa da pesquisa. Este procedimento visou assegurar melhor condução do estudo e ajustes que se fizeram necessários durante o processo. Esse procedimento de análise parcial das informações (trabalho de

campo-análise-trabalho de campo-análise e assim por diante) indica o caráter interativo da pesquisa qualitativa (Alencar, 2004).

Segundo Alencar (1999), a sequência de análises parciais facilita a interação da pesquisa qualitativa. Essa análise parcial pode auxiliar na identificação de novas situações a serem observadas, de temas a serem cobertos nas novas entrevistas, dos novos indivíduos a serem entrevistados ou, até mesmo, das fontes secundárias a serem consultadas novamente, dentre outras.

Nesta direção, utilizou-se, para análise dos dados, a técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Laville & Dionne (1999), não consiste em um método rígido. Deve-se procurar a organização dos depoimentos de forma a dar maior significação aos seus conteúdos para que não sejam perdidos detalhes, bem como a qualidade e a riqueza da subjetividade dos entrevistados, isto é, o seu modo de interpretar a realidade.

Os dados foram analisados e interpretados tendo preocupação com as suas particularidades e, para tanto, seguiram-se os seguintes passos: a) transcrição das gravações; b) leitura sistemática de todas as entrevistas; c) identificação de dimensões (o que existe ou não em comum na fala dos entrevistados); d) codificação das diferentes dimensões para identificá-las e e) organização das dimensões codificadas em categorias de objetos significantes (Silverman, 1994; Bicudo, 2000).

A análise de conteúdo, para Vergara (2005), compreende três etapas: a) pré-análise - seleção do material e a definição dos procedimentos a serem seguidos; b) exploração do material – implementação dos procedimentos definidos na pré-análise; tratamento de dados e c) interpretação – geração de inferências e dos resultados da investigação, em que as suposições serão ou não confirmadas. O procedimento básico da análise de conteúdo, segundo essa autora, refere-se à definição de categorias que são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse

efetuado em razão de caracteres comuns desses elementos. As categorias podem ser: exaustivas – inclusão de praticamente todos os elementos; mutuamente exclusivas – cada elemento poderá ser incluído em uma única categoria; objetivas – definidas de maneira precisa para evitar dúvidas de distribuição dos elementos e pertinentes – adequadas ao objetivo da pesquisa.

Seguindo as orientações metodológicas apresentadas por estes autores, partiu-se para a transcrição de todo o material coletado. A partir de então, num segundo momento, tendo em mãos um arsenal de 63 laudas, em que estavam concluídas as transcrições, passou-se para a etapa posterior, destinada à comparação das informações obtidas, identificando pontos próximos ou similares nos relatos dos entrevistados e articulados com o objetivo deste estudo e com a abordagem conceitual da pesquisa.

Como forma de subsidiar toda a análise do material produzido na pesquisa, teve-se o cuidado de trabalhar com as categorias propostas por Kramer & Faria (2007), a saber, identificação com a organização; idealização da organização; sentimento de pertença; cooperação na atividade e solidariedade; criação de inimigos; participação nas decisões; integração entre os membros e autonomia. Tais categorias se referem, principalmente, à construção dos vínculos sociais nas organizações.

Assim, as categorias analíticas serviram de base para a análise do material, sendo confrontados relato e categoria.

Logo, pode-se dizer que, neste estudo, o pesquisador se deparou com a necessidade de articular os dados coletados em campo com as categorias analíticas identificadas na teoria. Assim, vínculo social e redes sociais embasam a sistematização e a categorização das informações, amparados pelas categorias adaptadas de Kramer & Faria (2007).

## **8 VÍNCULOS SOCIAIS DA REDE DE ITCPs**

Pode-se dizer que o presente estudo, na sua concepção metodológica, seguiu três passos distintos, porém, complementares na busca da construção do conhecimento sobre o tema aqui proposto. Portanto, seguindo tais procedimentos, são apresentados, neste capítulo, os resultados e as análises do processo empenhado nessa pesquisa.

### **8.1 Mapeando as relações**

Como se sabe, o objeto de estudo desta pesquisa é a Rede Universitária de ITCPs, constituída até janeiro de 2010, com 42 Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. Como forma de identificar alguma relação entre as ITCPs com caráter formal, optou-se por analisar o programa virtual de comunicação. Entre as diversas funções desse programa está o armazenamento de todas as mensagens e arquivos postados por seus integrantes no grupo “Rede ITCP”.

Na Figura 3 pode-se visualizar o sociograma da Rede Universitária de ITCPs, com base nas mensagens virtuais submetidas ao programa Yahoo!Grupos®, com caráter relacional.



Observa-se, no sociograma da Figura 3, o posicionamento central de algumas incubadoras, entre elas UFRPE, UCPEL, UNEB, UFSJ, FURB e USP. Como já apresentado acima, os traços de ligação entre duas ITCPs (nós) são denominados, pelos autores que trabalham com redes, de laços e, conforme sua espessura, pode-se dizer que a relação entre dois entes é mais ou menos intensa.

Na mesma Figura, é possível constatar que quatro incubadoras não estabeleceram relação formal, por meio do programa de mensagem virtual. Tal fato pode condizer com a realidade, como também pode estar equivocado no trato do não relacionamento dessas incubadoras com outras entidades pares.

Essa situação, que pode ser considerada como ilustrativa, é de grande importância na interpretação dos dados produzidos a partir de uma análise puramente pautada no mecanismo de comunicação que estamos analisando até aqui. Ou seja, seria primário de nossa parte considerar que os vínculos e a estrutura da Rede Universitária de ITCPs seja um reflexo idêntico do sociograma acima apresentado. Acredita-se, contudo, que este instrumento visa apenas dar uma contribuição na eleição de informantes qualificados para participarem das entrevistas semiestruturadas.

Ainda na Figura 3, é possível observar questões mencionadas por Granovetter (1983) e Burt (1992), com respeito aos laços fracos e fortes, indicados na figura por traços que unem as ITCPs.

Como mencionado anteriormente, Burt (1992) busca enfatizar o aspecto relacional, na formulação conceitual de rede, que consiste de um conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por um tipo específico de relação, podendo ocorrer, em uma mesma estrutura, relações diversas, em forma e conteúdo, o que corresponderiam a redes diferentes – ainda que o conjunto de atores seja o mesmo. Em outras palavras, dentro de uma mesma estrutura, existem relações diferentes e cada uma das diversas relações, internas a essa estrutura, podem ser consideradas como redes dentro da rede.

Este princípio dá as bases para os vazios estruturais propostos por Burt (1992) e, como forma ilustrativa, podem-se observar as relações mediadas pela UFRGS junto à UEPG, em que a primeira incubadora é a detentora de contatos diversos, enquanto a segunda está vinculada à UFRGS neste cenário para a obtenção de contatos e informações.

Sabe-se, entretanto, que tal fato é meramente ilustrativo, não devendo ser considerado como única forma de relação da UEPG no contexto da Rede de ITCPs.

Pode-se observar, ainda, a interação entre diversos atores por intermédio de personagens mais centrais ou com relações próximas aos nós do centro. Como forma de ilustrar essa situação, deve-se observar a seguinte sequência: FURB-UNOCHAPECÓ-UNOESC, em que, por intermédio do nó UNOCHAPECÓ, as outras duas incubadoras encontram-se em contato.

No caso de se acrescentar a esta ilustração mais um nodo (UFRPe), tem-se a seguinte configuração: UFRPE-FURB-UNOCHAPECÓ-UNOESC. O que se pretende mostrar com isso é que, segundo Burt (1992), diversos nodos em uma rede, mesmo sem um contato direto, podem estar vinculados, por meio da intermediação de outros nós.

Assim, é importante retomar a discussão sobre “vazio estrutural” de Burt (1992), no sentido de que a rede não é consequência, apenas, das relações que de fato existem entre os atores ou “nós”. Ela é, também, o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores. Logo, os exemplos acima ilustram os vazios estruturais dentro da Rede Universitária de ITCPs, isto, segundo dados analisados no programa de comunicação virtual.

A centralidade é definida como a quantidade de relações que se colocam entre um ator e outros atores. Isso quer dizer que os atores que são mais centrais, são os que possuem maior quantidade de relações com outros atores e, por isso, desenvolvem um papel mais importante dentro de determinada rede.

Diante disso, apresenta-se, no Quadro 3, a listagem hierárquica com base na centralidade encontrada no PAJEK (2008), por meio da análise dos dados fornecidos pelas 2.178 mensagens virtuais categorizadas.

QUADRO 3 Classificação da centralidade da Rede de ITCPs

Rank	Vertex	Value	Id
1	7	0.6768293	UFSJ
2	10	0.6768293	UFRPE
3	3	0.6630164	USP
4	4	0.6497561	UNEB
5	11	0.6247655	FURB
6	2	0.6016260	UCPEL
7	19	0.5699615	UNISINOS
8	38	0.5699615	UFRGS
9	37	0.5601346	UNIFEI
10	9	0.5506408	UFRJ
11	12	0.5414634	UFV
12	15	0.5414634	UNICAMP
13	39	0.5414634	UFT
14	24	0.5325870	UNILASALLE
15	5	0.5325870	UFJF
16	26	0.5076220	FCV
17	6	0.5076220	UFSCAR
18	17	0.5076220	CEFET/BA
19	40	0.4998124	UNIFACS
20	8	0.4998124	UFPR
21	13	0.4822395	UFLA
22	27	0.4848926	FURG
23	16	0.4848926	UNOCHAPCO
24	20	0.4777618	CEFET/RJ
25	1	0.4708378	FSA
26	31	0.4575747	UNIMONTES
27	34	0.4575747	UNESP ASSIS
28	14	0.4450384	UEMS
29	41	0.4274711	UNIJUI
30	30	0.4219195	UNIVALI
31	22	0.4165103	FEEVALE
32	29	0.4112380	UNOESC
33	35	0.4060976	UFBA
34	33	0.4010840	UNESP FRANCA
35	18	0.3822095	UFMS
36	25	0.3531283	FAFIRE
37	32	0.3531283	UEPG
38	21	0.0000000	UNICERP
39	23	0.0000000	UFES
40	28	0.0000000	UCSAL
41	36	0.0000000	UFGD
Sum		18.6991745	



Esse quadro foi gerado a partir dos dados fornecidos na categoria de e-mails denominados “relação”, em que eram vinculados remetente-destinatário, constituindo, assim, um ponto de relação formal. Na primeira coluna tem-se a classificação das ITCPs seguindo a hierarquia de centralidade. Na coluna indicada como Vertex, está o número de inserção de cada ITCP (nó) no software PAJEK (2008), ou seja, é o código de inserção dos dados e do futuro processamento no programa. Já na terceira coluna têm-se os valores da centralidade e, para efeito de análise, pode-se dizer que, estatisticamente, quanto mais próximo de 1,0, mais central é a posição de um nó ou, no caso específico, ITCP.

Neste caso específico, podem-se mencionar as ITCPs da UFSJ e da UFRPE como as mais centrais, com um coeficiente de centralidade de 67,68%, seguidas pela ITCP/USP, com 66,30% de coeficiente. Este fato pode ser explicado, em parte, pela participação de membros dessas incubadoras na coordenação da Rede de ITCPs, em um tempo considerável.

Pode-se observar, ainda, por meio dos resultados alcançados, que quatro ITCPs obtiveram centralidade de 0%, indicando que não se relacionam por intermédio deste meio eletrônico de comunicação com outras ITCPs. São elas: UNICERP, UFES, UCSAL e UFGD. Vale ressaltar que a UFC-Cariri não figura nessa etapa da análise pelo fato de a mesma ainda não se encontrar filiada à Rede no período analisado.

Os dados estatísticos indicaram média aritmética equivalente a 0,560774 e mediana no valor de 0,922395. O desvio padrão foi de 0,705135, indicando a medida de dispersão dos dados em relação à média. Pode-se, assim, calcular uma variância de 0,029074853, que revelará quão longe, em geral, os valores das centralidades das ITCPs se encontram do valor esperado.

A centralidade da ITCP-UFLA é o valor da mediana, ou seja, é a tendência central dos dados. Assim, 50% das ITCPs têm uma centralidade

superior ou igual à ITCP-UFLA e as outras 50%, valores inferiores ou iguais à mesma.

Apenas como forma ilustrativa, caso a análise do sociograma e do cálculo da centralidade fossem nossos únicos mecanismos de filtragem da amostra, teríamos as seguintes incubadoras elencadas para as entrevistas:

- 1) UFSJ
- 2) UFRPE
- 3) USP
- 4) UNEB
- 5) FURB
- 6) UCPEL
- 7) UNISINOS
- 8) UFRGS
- 9) UNIFEI
- 10) UFRJ
- 11) UFV
- 12) UNICAMP
- 13) UFT

Observa-se que, com esta classificação, a região centro-oeste não seria contemplada em nossa pesquisa e ocorreria uma concentração de entrevistas com ITCPs pioneiras e intermediárias, o que totalizaria onze entrevistas.

Logo, como forma de tentar elencar um perfil de incubadoras entrevistadas de modo mais heterogêneo possível, utilizou-se outro mecanismo para a escolha das ITCPs para a etapa das entrevistas.

## **8.2 Estratificando as incubadoras para a pesquisa**

O procedimento de estratificar as ITCPs quanto ao seu tempo de filiação junto à Rede Universitária de ITCPs, além de mais uma etapa para escolha das incubadoras que seriam entrevistadas, forneceu dados relevantes para toda a pesquisa.

Um fato interessante observado a partir do movimento de análise do tempo de participação das incubadoras junto à Rede foi a visualização do seu processo de expansão, seja em número de entidades filiadas, seja na expansão de sua abrangência, chegando a dar sinais de uma atuação mais efetiva em âmbito nacional.

Para tanto, pode-se observar, no Gráfico 1, o crescimento do número de ITCPs filiadas à Rede, por ano.

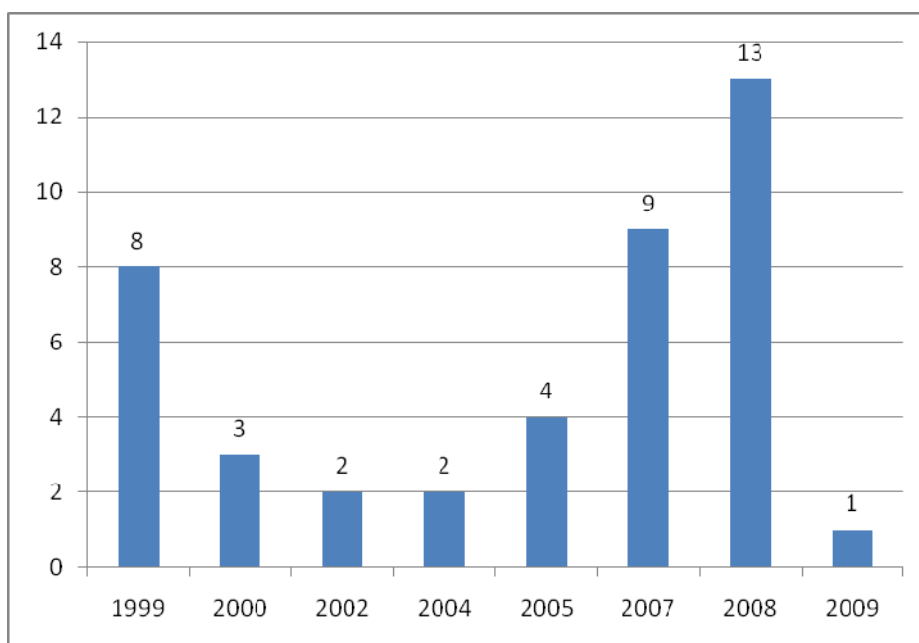


GRÁFICO 1 Número de incubadoras filiadas à Rede, por ano

Os dados do Gráfico 1 demonstram claramente que, a partir de 2005, a Rede ITCP passou por um processo de expansão do número de entidades filiadas à sua estrutura.

No Gráfico 2, observa-se o número de ITCPs por estrato, divididas por região, o que ilustra o maior número das incubadoras pioneiras e novatas no sul

e sudeste brasileiro. Consta-se também, expansão significativa de novas incubadoras filiadas à Rede no Nordeste, passando de três ITCPs pioneiras e intermediárias para oito incubadoras com a entrada das novatas.

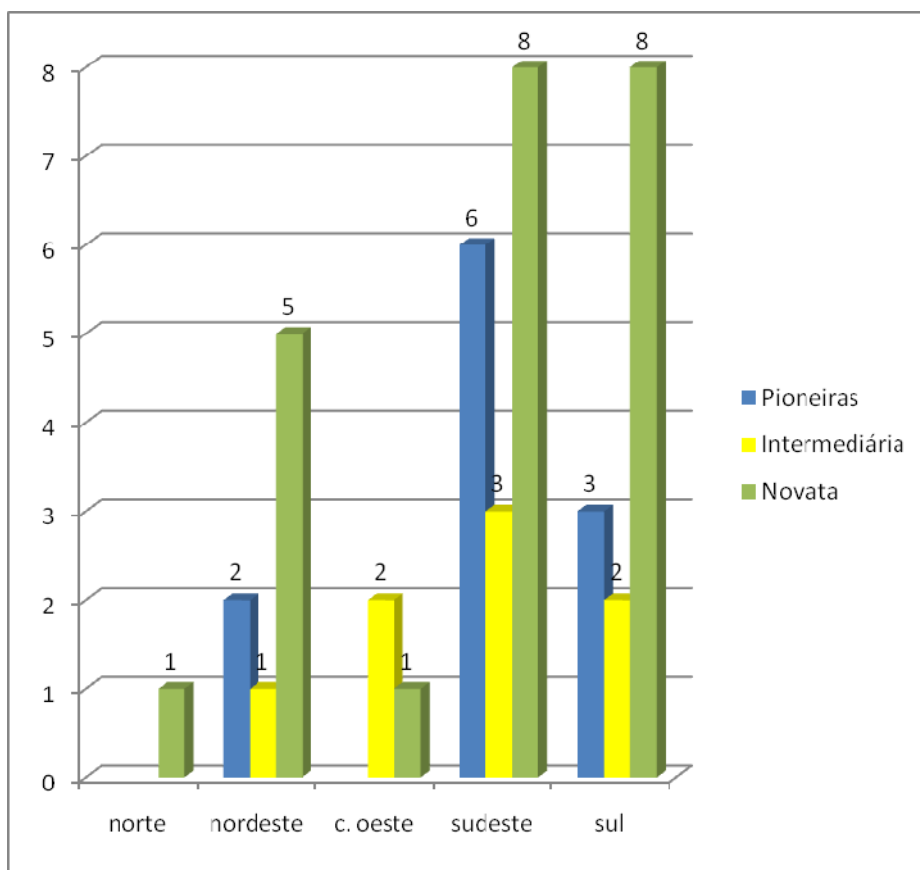


GRÁFICO 2 Número de ITCPs estratificadas por região

No projeto de atuação nacional, a Rede parece dar sinais de uma atuação mais abrangente com a entrada de novas incubadoras nos últimos anos, em regiões do país onde antes não existia nenhuma entidade filiada à Rede.

### 8.3 Descrição pela fala: com a palavra, as incubadoras

Todas as entrevistas foram registradas e posteriormente fichadas com base nas categorias de análise. Tais categorias seguiram as propostas de Kramer & Faria (2007) sobre a constituição dos vínculos sociais nas organizações, tendo como base os preceitos da psicossociologia, em especial os de Eugène Enríquez, estruturando, assim, o modelo investigativo deste estudo. Contou-se com oito categorias que serviram de norte para as entrevistas. Assim, analisou-se e interpretou-se o repertório de respostas dos participantes da pesquisa às questões abordadas na entrevista semiestruturada. As respostas foram comparadas às categorias teóricas analíticas construídas com base na literatura pesquisada. Foram utilizados fragmentos literais de fala dos entrevistados, relacionando-os às passagens teóricas sobre os vínculos sociais e as redes sociais ao processo de constituição e manutenção da Rede Universitária.

As categorias utilizadas, tendo como contexto a Rede de ITCPs, foram as listadas no Quadro 4.

QUADRO 4 Categorias de análise e contextualização

CATEGORIA	CONTEXTUALIZAÇÃO
Identificação com a organização	Compreender como ocorre a identificação das incubadoras com a Rede que elas compõem.
Idealização da organização	Figura na esfera da crença, com a presença de aspectos como a imagem e o conceito que as incubadoras têm da Rede de ITCPs.
Sentimento de pertença	Sensação que possibilita estabelecer a identidade da Rede e de cada incubadora como sendo integrante da estrutura.
Cooperação na atividade e solidariedade	Pode ser entendida na forma da contribuição individual para a realização de uma tarefa grupal ou coletiva.
Criação de inimigos	O estabelecimento de figuras a serem vencidas ou superadas pode fortalecer os vínculos pelo reforço dos sentimentos de identificação e pertença.

QUADRO 4 “...continua...”

Participação nas decisões	Indica o grau de controle que cada entidade possui sobre diversos elementos da Rede.
Integração entre os membros	Processos de contato e relacionamento, formal e informal entre os membros da Rede Universitária
Autonomia	Entendimento do grau de dependência e independência das incubadoras em referência à Rede Universitária.

FONTE: Adaptado de Kramer & Faria (2007)

Como forma de ilustrar cada categoria estudada, na construção dos vínculos sociais serão apresentados, para cada categoria, fragmentos dos relatos das entrevistas realizadas. Vale ressaltar que as falas são seguidas de referência aos entrevistados, contudo, optou-se por uma codificação fictícia como forma de preservar a identidade dos entrevistados. Desse modo, no Quadro 5, observam-se fragmentos que se relacionam com “identificação com a organização”.

QUADRO 5 Categoria de análise: Identificação com a organização.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Idealização com a organização	<p>(01) “A rede potencializa, possibilitando um espaço de discussão acadêmico e político do que efetivamente pode ser um projeto político da incubadora” (E.E.).</p> <p>(02) “A identidade da Rede é representar os interesses das incubadoras” (E.F.).</p> <p>(03) “A grande identidade da Rede é a troca de informação, (...) principalmente quando a pessoa ta começando no campo do cooperativismo, quase como se fosse uma capacitação”. (E.D)</p> <p>(04) “é um espaço interessante (Rede) porque temos a vantagem e possibilidade de troca, de fazer pressão coletivamente com relação a diversos pontos, poder estabelecer grupos de trabalho coletivo, aprofundar conhecimento” (E.B.).</p> <p>(05) “O respeito a diversidades identifica a rede e faz com que ela tire linhas de ação comum” (E.A.).</p> <p>(06) “Existe a vantagem da troca, mas a vantagem maior é da visibilidade, que se ganha quando ocorre um trabalho em conjunto, uma rede” (E.G.).</p> <p>(07) “nela (na Rede) nós temos mais representação, força” (E.B)</p> <p>(08) “Essa identidade é fazer a incubação de cooperativas, sobre o principio da economia solidária e da autogestão, isso e o fato de que elas são universitárias” (E.C.).</p> <p>(09) “Embora estejam expressos no estatuto, a identidade tem a ver com a ideia da economia solidária como um fenômeno econômico, movimento social, que se fundamenta nos princípios da participação, na autogestão, na democracia econômica, na igualdade de participação” (E.D.).</p>

Um forte ponto de vinculação das incubadoras com a Rede Universitária parece estar no projeto para o qual a Rede estaria voltada, o que esta proporciona ou pode proporcionar para cada incubadora. Assim, a representatividade política

e institucional, com assento garantido na Rede em diversas instâncias e órgãos do governo, é percebida como elemento de identificação.

Outro ponto que parece identificar as incubadoras diz respeito ao caráter informacional encontrado na dinâmica da Rede. O que pôde ser observado durante a maioria das entrevistas é que as ITCPs encontram na Rede um mecanismo de troca de informações, sejam elas específicas, sobre assuntos temáticos, ou mesmo de divulgação de editais e projetos. Além disso, alguns entrevistados relataram que a Rede proporciona constante capacitação para seus membros. Tal ponto pode ser comprovado na observação do conteúdo de algumas mensagens encaminhadas ao grupo virtual da Rede. Nessas mensagens, em alguns casos, apresentam-se experiências e são solicitadas ajudas teórico-metodológicas, o que dinamiza a divulgação das ações das incubadoras. Pode-se dizer que, a partir do relato de alguns integrantes de incubadoras, as ITCPs identificam e se identificam por meio de dois aspectos principais, a saber, a representatividade e a troca de informações.

Estes dois aspectos podem ser observados por todas as incubadoras, pois são pontos que acontecem independentemente da participação ativa de todas as integrantes da Rede, ou seja, mesmo que uma ou outra ITCP não participe ativamente do cotidiano da Rede, esta poderá, ainda assim, se beneficiar da representação e das informações contidas e disponíveis nos canais de comunicação da Rede.

A próxima categoria é a idealização da Rede, com a qual se busca o entendimento das crenças e do ideal de Rede, em um processo de “ser” ou “vir a ser”.



QUADRO 6 Categoria de análise: idealização da organização.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Idealização da organização	<p>(01) “Ela não tem um formato só. Pelo próprio fato dela ser mutável, vai mudando, vai crescendo, vai diminuindo, vai encolhendo, vai desenvolvendo. Então, ela é meio que amorfa” (E.F.).</p> <p>(02) “Ela garante visibilidade pra nós” (E.F.).</p> <p>(03) “Acredito que a Rede representa a troca de informação e representação política” (E.F.).</p> <p>(04) “Ela é um conjunto de nós” (E.J.).</p> <p>(05) “Ela realmente cumpre os objetivos que ela e as incubadoras se propõem. Além de intercâmbio, de se unificar pra ter representação políticas, social, acadêmica” (E.J.).</p> <p>(06) “Outro aspecto da identidade que é importante é o fato de não querer se formalizar. Tem prós e contras nessa decisão, mas eu acho que tem uma coisa interessante nessa decisão que é justamente o fato da gente não cristalizar núcleos de poder. Ela tem uma estrutura horizontal que é muito interessante” (E.B.).</p> <p>(07) “A horizontalidade é uma das características fortes da Rede” (E.B.).</p> <p>(08) “A rede é um porta-voz do conjunto de incubadoras” (E.I.).</p> <p>(09) “A rede é um pacto político” (E.A.).</p> <p>(10) “Não tem uma estrutura rígida (...) É bom porque tem uma ação em rede” (E.A.).</p> <p>(11) “Isso é pacto de militância” (E.A.).</p> <p>(12) “A rede não tem direção! A rede é um pacto político. Por isso que a coordenação é colegiada” (E.A.).</p> <p>(13) “No começo existiu um ponto que unia o grupo, todo mundo militante, com historias de vida parecidas, da mesma época de vida. Então, era natural a questão da militância política” (E.C.).</p> <p>(14) “Essa é uma rede, digamos, virtual, porque ela não existe realmente de fato, com CNPJ” (E.C.).</p> <p>(15) “Ela tem o papel de articuladora” (E.D.).</p> <p>(16) “É uma rede virtual e não formal” (E.D.).</p>

O ponto de idealizar uma estrutura, um modo de funcionamento ou mesmo uma proposta não se restringe ao plano abstrato. Diz respeito, contudo, a porções concretas de uma realidade construída, ou a construir. Assim, algumas ideias parecem estar direcionadas para um vir a ser da Rede, mas sem, entretanto, desmerecer ou desprivilegiar a dinâmica presente. Pode-se observar que se sobressaem nos relatos a idealização da informalidade no formato da Rede, o pacto político de representação das ITCPs e como espaço de militância. Os relatos expressam a construção de um espaço livre de coerção, de participação voluntária e de articulações políticas em torno de um tema transversal a toda a sociedade brasileira, o desemprego e a precarização do trabalho, no sentido da transformação social.

Esse processo de idealização, ao qual parte dos entrevistados remonta e alega ênfase na dinâmica da Rede, como ponto nevrálgico da estrutura, parece estar concebido a partir do que denominam “pacto político”.

O caráter político indica sinais de uma figura que se encontra na esfera da crença, ou seja, seus integrantes crêem existir e ser um fator de convergência e união das incubadoras. Com a presença de aspectos como a imagem militante dos membros das ITCPs e o conceito que as incubadoras têm do modo de atuação da própria Rede Universitária, a qual foi estruturada como forma de luta pela via da economia solidária e do cooperativismo.

Alguns pontos que aparecem na verbalização dos entrevistados sinalizam para a categoria anterior, a da identificação. Esta vinculação é, segundo Enriquez (2001), parte do processo grupal, em que os integrantes de um determinado grupo se identificam, a si próprio e a seus pares, e idealizam uma estrutura a qual abarcará, ainda que no campo simbólico, toda proposta para o futuro de seus integrantes.

Neste sentido, são observadas falas que remontam aos princípios da economia solidária e do cooperativismo, como, por exemplo, a horizontalidade

de poder e decisão. Além disso, está pautada na definição de redes sociais, nas quais diversos atores, múltiplos e diferentes, se unem para trocas em um espaço que, no caso da Rede Universitária de ITCs, não se constitui fisicamente, pois ela não tem uma sede ou, mesmo, um local fixo de encontro, nem ao menos é formalizada legalmente por meio de um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Ela se vale da interação livre e espontânea das entidades que a compõem, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, na figura de seus membros, professores, técnicos, alunos e voluntários.

Na terceira categoria analítica, discute-se o pertencimento das incubadoras junto à Rede, em especial o sentimento que elas produzem em relação a cada incubadora.

QUADRO 7 Categoria de análise: sentimento de pertença.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Sentimento de pertença	<p>(01) “A nossa incubadora, separada, não iria ter espaço no comitê gestor do Proninc, e nós enquanto uma rede nós temos um lugar nesse comitê” (E.E.).</p> <p>(02) “na rede você tem acesso facilitado a informações” (E.E.).</p> <p>(03) “As incubadoras buscam intercâmbio e, aqui (na Rede) você acha” (E.H.).</p> <p>(04) “A Rede é reconhecida por diversos parceiros, nacionais e internacionais, inclusive o governo federal, mesmo sem ser institucionalizada” (E.J.).</p> <p>(05) “Quem é responsável pela Rede é o colegiado nacional. Coordenadores nacionais e regionais. E são todas as incubadoras” (E.A.).</p> <p>(06) “As incubadoras são responsáveis pela rede, mesmo quando a gente delega a coordenação para representantes” (E.G.).</p> <p>(07) “Nós optamos por entrar nessa Rede, porque conhecíamos as pessoas. Hoje não pensamos em sair daqui por nada. É aqui que a gente trabalha” (E.D.).</p> <p>(08) “Mesmo com pouco tempo que a gente está aqui, existe uma consideração muito grande e, nos encontros, a gente sente que pertence ao grupo” (E.D.).</p>

A sensação de pertencer à Rede Universitária se exemplifica em falas que demonstram a responsabilidade de cada incubadora com o projeto coletivo. Sobre este ponto, Enriquez (2001) comenta que, após um grupo ter concebido um projeto comum, cada membro deve realizar ações de cunho individual, mas que tenham reflexo para o coletivo. Estas ações são precedidas, entretanto, da aceitação e pró-ação de cada participante em se sentir pertencente ao projeto. Essa sensação que possibilita se estabelecer a identidade da Rede e de cada incubadora como sendo integrante da estrutura.

As redes sociais se configuram, segundo Tomaél & Marteleto (2006), como um conjunto de pessoas, instituições ou organizações que, por possuírem afinidades em comum, compartilham, por exemplo, trabalho e/ou informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo uma estrutura social em um processo de pertença entre iguais. Diante desses sentimentos, o fortalecimento do projeto comum é fortalecido pela confiança e pela noção de pertencimento desse projeto, do qual as incubadoras se sentem participantes.

QUADRO 8 Categoria de análise: cooperação na atividade e solidariedade.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Cooperação na atividade e solidariedade	<p>(01) “O que faz a rede funcionar são as incubadoras. Se acabar as incubadoras acabou a rede. Não existe uma estrutura fora das incubadoras” (E.E.).</p> <p>(02) “Na relação com outras, existe contato só com algumas. Mas, sempre que precisamos recorremos a outras ITCPs” (E.E.).</p> <p>(03) “Sempre que foi necessário, existiu uma cooperação dentro da rede. Sempre que eu precisei ou que precisaram de mim...” (E.F.).</p> <p>(04) “Eu sinto uma tendência à cooperação” (E.F.).</p> <p>(05) “Esse intercâmbio ocorre hoje, pela lista de e-mail, pelos encontros regionais, nacional e congressos acadêmicos da Rede. Os encontros regionais e nacionais são espaços com representação, onde acontece muito debate e participação” (E.J.).</p> <p>(06) “Na rede, o intercâmbio acontece” (E.K.).</p> <p>(07) “Com o último edital PRONINC, que privilegia a formação de redes, a cooperação irá aumentar na nossa Rede” (E.H.).</p> <p>(08) “Cada incubadora, na captação de algum recurso, aloca recurso para poder participar dos espaços da rede, encontros, reuniões e, assim, a rede vai acontecendo” (E.A.).</p> <p>(09) “Sempre vejo notícias de editais de financiamento no grupo de mensagens da Rede, mesmo que várias incubadoras estejam concorrendo no mesmo processo” (E.C.).</p>

Pelo que se pode perceber, os canais de comunicação da Rede, sejam eles virtuais ou presenciais, figuram como importantes instrumentos de interação e troca entre os seus membros. O meio mais utilizado entre todos os participantes são as mensagens eletrônica (e-mails). Ultimamente, as reuniões da coordenação da Rede, que compreende dois coordenadores nacionais e cinco regionais, têm ocorrido de forma virtual, por meio do programa Skype. Esses

canais de comunicação e interação parecem facilitar o contato e a troca entre os diversos atores da rede.

Contudo, segundo diversos entrevistados, o processo de interação, intercâmbio e cooperação que se apresenta de modo mais efetivo e, por que não dizer afetivo, se dá nos encontros e congressos presenciais. Nessas oportunidades ocorrem encontros, re-encontros, parcerias, trocas de experiência e debates temáticos. Assim, esses espaços se caracterizam pela consolidação da Rede como comunidade baseada na cooperação entre ITCPs.

A próxima categoria a ser analisada por meio de fragmentos de relatos tem sua importância ressaltada, no intuito de poder funcionar no fortalecimento dos vínculos e no reforço aos sentimentos de identificação e pertença. Isso devido ao fato de que, segundo Enriquez (2001), um grupo tende a eleger ou, mesmo, criar inimigos na busca por um vigor interno coletivo na oposição a um determinado tema, sujeito ou objeto. Ou seja, cria-se algo a ser vencido ou superado.

Nessa direção, reconhecendo o significado de inimigos para o fortalecimento dos vínculos grupais, buscou-se analisar, nas entrevistas e no contato com as ITCPs, possíveis conflitos a serem superados.

QUADRO 9 Categoria de análise: Criação de inimigos.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Criação de “inimigos”	<p>(01) “Se você está sozinho, você tem inimigo que se torna mais forte, ou melhor, você se torna mais forte.” (E.K.).</p> <p>(02) “Existe uma diferença grande em estar e não estar na rede. A 1ª delas é que, sozinha, a incubadora fica extremamente dependente da universidade. Aí, a universidade resolve se ela sobrevive ou não. Agora, por outro lado, quando é filiada à rede, a visibilidade é maior.” (E.B.).</p> <p>(03) “a Rede ajuda a disseminar a economia solidária e o cooperativismo, pontos contrários ao capitalismo” (E.C.).</p> <p>(04) “a ideia é superar os problemas sociais que temos no país” (E.C.).</p> <p>(05) “existem muitas coisas que ainda precisamos superar e na Rede isso fica mais fácil” (E.I.).</p> <p>(06) “unidos na Rede somos mais forte contra as dificuldades” (E.I.).</p>

A noção de força pela união ou participação em um projeto coletivo é demonstrada em passagens nas quais os entrevistados apresentam certa comparação entre estar “lutando” de modo separado ou estar em conjunto com outras entidades similares. Assim, a força estaria na ação coletiva da Rede Universitária e esse movimento coletivo parece estar vinculado ao caráter representativo, juntamente com um posicionamento político da Rede de ITCPs.

Este fato está, intrinsecamente, na percepção de parte dos entrevistados, ligado a uma possível dependência das instituições, as quais as incubadoras se vinculam, a saber, universidades públicas e particulares.

Por outro lado, a Rede de incubadoras, pautada pelos princípios da economia solidária e do cooperativismo, está fortemente engajada num projeto maior de luta e concepção por um mundo diferenciado, em que as relações

econômicas deverão estar ligadas a conceitos diferentes aos pregados pelo sistema capitalista, o qual predomina atualmente em nossa sociedade.

Assim, lutas contra a miséria, fome, exclusão social e precariedade no trabalho, entre outros, são temas recorrentes na Rede e, conseqüentemente, nas incubadoras que dela participam.

Com base nos fragmentos de relatos analisados, podem-se identificar dois tipos de conflitos a serem superados: externo, caracterizado pela construção de uma economia diferenciada, pautada por um trabalho cooperativo e interno, caracterizado pela busca de fortalecimento de uma extensão universitária reconhecida e valorizada profissional e cientificamente.

Outra categoria de análise é a participação nas decisões da Rede, a qual parece indicar alguns pontos relevantes na elucidação das questões norteadoras desta pesquisa, tais como o grau de controle que cada entidade possui sobre diversos elementos da Rede.



QUADRO 10 Categoria de análise: participação nas decisões.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Participação nas decisões	<p>(01) “É ação coletiva, é muito mais forte” (E.G.).</p> <p>(02) “Ninguém é obrigado a falar ou se expressar. Então, a participação acontece por necessidade ou por posicionamento” (E.G.).</p> <p>(03) “Participar dessa rede é uma adesão política” (E.G.).</p> <p>(04) “A participação não é a mesma por parte de todas as incubadoras e isso tem a ver com a dinâmica interna das incubadoras, o grau de incubação, compromisso” (E.A.).</p> <p>(06) “Existem incubadoras que participam da rede, de um modo, assim, podemos dizer, um pouco passiva, assim, ‘olha, a gente ta aí. Quando tiver alguma coisa que nos interessa, a gente participa mais e, quando for alguma coisa que não nos diz respeito diretamente, a gente participa menos” (E.A.).</p> <p>(07) “A participação de mais pessoas da incubadora nos encontros e reuniões da rede facilitou muita coisa. Porque uma coisa é ouvir falar da rede e outra é ir e ver a rede funcionando mesmo” (E.C.).</p> <p>(08) “A participação nas decisões é de todos (...) Às vezes, fica duas horas em cima da mesma coisa (...) até todo mundo falar” (E.C.).</p> <p>(09) “Debates mais estratégicos são detalhados. Por exemplo, institucionalizar ou não a rede. Esse merece muito debate. Mas, todos podem participar, claro, com voto do representante” (E.D.).</p> <p>(10) “É um princípio assegurado na voz e voto, o que todas as incubadoras possuem. Daí, é só fazer cumprir” (E.I.).</p> <p>(11) “A Rede foi pensada e age para a participação de todos. Só não participa quem não quer! Ou não pode” (E.D.).</p> <p>(12) “Existem decisões onde, às vezes, o consenso é difícil, como é o caso da institucionalização. Até hoje não se tem uma unanimidade. Mas, nem por isso existe desavença” (E.C.).</p> <p>(13) “É por isso que eu digo que a Rede é uma rede de verdade. Ninguém é obrigado a participar, mas existe a participação de muitos” (E.I.).</p> <p>(14) “As pessoas participam porque querem e não porque são obrigadas” (E.I.).</p>

A não obrigatoriedade existente na dinâmica da Rede chama a atenção. Mesmo sendo filiada a este grupo, nenhuma incubadora é obrigada a participar dos debates, dos canais de comunicação virtual ou presencial ou, mesmo, quaisquer outras atividades propostas ou ligadas à Rede de ITCPs. Vale, contudo, ressaltar que a coordenação da Rede sempre busca a participação de todas as ITCPs vinculadas, isto por meio de convites e divulgação frequente das suas ações e dos encontros e espaços coletivos de debate e discussão. Mas, como foi reforçado por diversos entrevistados, o caráter livre da Rede não permite uma cobrança pela participação ou não participação das incubadoras.

Parecem existir, no cotidiano da Rede, perfis diferenciados de incubadoras pelo grau de participação, seja pela pró-ação, seja pela passividade. Entre as possíveis causas desse problema pode-se destacar a dificuldade financeira pela qual algumas incubadoras passam. Para alguns entrevistados, a Rede serve apenas como uma possibilidade de obter benefícios fáceis, como, por exemplo, acesso a editais específicos, sem, contudo, participar da construção das pautas e dos debates cotidianos.

Outro aspecto recorrente na fala dos entrevistados diz respeito ao caráter político. Assim, a inserção e a participação mais efetiva nas ações da Rede e na Rede seriam pautadas por uma “adesão política”, assegurada pelo voto do representante de cada ITCP e pela oportunidade de participação com direito a voz, para qualquer membro de incubadora.

Este fato demonstra uma estrutura que, a princípio, assegura decisões mais democráticas por meio de votos representativos. Contudo, um dos participantes de uma das ITCPs entrevistadas ressaltou que o que poderia ser uma alternativa eficiente e eficaz no trato democrático, a saber, o voto representativo, em alguns momentos, passa por retaliações. Isso porque as representações presentes nos espaços de discussão e deliberação da Rede, em

certos casos, não têm o aval dos responsáveis ou dirigentes da incubadora que estariam representando.

Como forma de ilustrar essa questão, um dos entrevistados deu um exemplo, comentando a participação de estudantes nos espaços de deliberação. A participação de estudantes, por si só, não configura nenhum problema para a dinâmica da Rede e, ao que se percebe, é vista com bons olhos. Entretanto, o problema existe quando incubadoras dirigidas por professores enviam para os encontros, como representante da incubadora, um aluno e não assegura a ele o direito ao voto. Ou seja, mesmo que tal representante (o aluno) vote ou queira votar em nome da incubadora a qual esteja representando, o responsável pela ITCP pode não corroborar e, segundo relato, geralmente, não corrobora o posicionamento e o voto desse aluno frente à decisão tomada.

Logo, na análise da participação nas decisões, a Rede Universitária de ITCPs apresenta pontos que apontam para uma forma democrática de decisões. Entretanto, algumas questões precisam de certo cuidado e direcionamento, para que se possa ter na Rede uma participação efetiva das ITCPs nos processos decisórios.

Na interação entre os membros, próxima categoria analisada, observaram-se os processos de contato e relacionamento, formal e informal, entre os membros da Rede Universitária.

QUADRO 11 Categoria de análise: integração entre os membros.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
<p>Interação entre os membros</p>	<p>(01) “A comunicação dentro da rede é essencialmente por e-mail, além das reuniões virtuais dos coordenadores. E nos encontros todo ano” (E.F.).</p> <p>(02) “Ate agora, os contatos com outras incubadoras foram de troca de informação. Ainda não houve projeto em conjunto” (E.F.).</p> <p>(03) “Um fato legal é que todos os editais que saem (...) aparecem no e-mail, mesmo sabendo que as incubadoras concorrem entre si. O que poderia acontecer é de eu receber o edital e guardar pra mim, porque quanto menos gente receber, menos gente pra concorrer e eu tenho mais chance. Mas não, quem recebe, logo joga na rede” (E.J.).</p> <p>(04) “As incubadoras não precisam da Rede, elas melhoram com a Rede!” (E.K.).</p> <p>(05) “A relação é também baseada nos princípios, o que ajuda as incubadoras a se relacionarem” (E.A.).</p> <p>(06) “As incubadoras vão estabelecendo, muitas vezes, relações por afinidade, mas também os espaços de encontro fortalecem as relações” (E.A.).</p> <p>(07) “A comunicação acontece quase que sempre por e-mail” (E.B.).</p> <p>(08) “O relacionamento é direto à medida que alguns pontos unem as incubadoras” (E.B.).</p> <p>(09) “Existe uma maior finalidade entre aquelas que estão mais próximas, em regiões próximas” (E.G.).</p> <p>(10) “Os mecanismos de comunicação estão muito pautados na troca de e-mails e também existe o contato direto entre as incubadoras, quando se tem um tema ou assunto específico” (E.G.).</p> <p>(11) “O relacionamento, do ponto de vista regional, é mais sólido do que do ponto de vista nacional. Não que exista uma discórdia entre as regiões, não é isso” (E.B.).</p> <p>(12) “A integração é mais forte a nível regional que a nível nacional. Nesse segundo nível ela poderia ser mais intensa” (E.B.).</p> <p>(13) “Essa coisa do virtual num chegou ainda de uma maneira forte pra Rede, em especial pros professores. A gente poderia se comunicar muito mais a nível virtual do que fazemos hoje, mas nem todo mundo se sente bem com essa troca ‘impessoal’” (E.B.).</p> <p>(14) “A Rede se comunica muito mal! A gente não conseguiu até hoje ter um site na internet. É essencial no mundo de hoje, não custa caro e a gente não consegue ter um. Pra mim, isso é qualquer coisa de absurdo” (E.B.).</p>

QUADRO 11 “...continua...”

<p>Interação entre os membros</p>	<p>(15) “A gente se comunica por e-mail, mas, quando a gente faz um encontro, que vê outras incubadoras, aquela força que parece que está se esvaindo, ela se renova. A troca nesses momentos é muito importante” (E.G.).</p> <p>(16) “Já tornou-se uma rotina, encontros regionais e nacionais” (E.G.).</p> <p>(17) “Tem grupos que tem mais afinidades e outros nem tanto, o que já direciona a relação. Existe um ponto comum que faz uma relação mais estreita, por exemplo, no trabalho com grupos iguais” (E.G.).</p> <p>(18) “Existe ainda, a questão do posicionamento das incubadoras, ou seja, mais no trabalho do dia a dia, ou o contato com as relações, rede. Tem umas que dão conta das coisas. Existe uma demanda que atola as incubadoras. O ideal é os dois. Mas, às vezes, é difícil” (E.G.)</p>
-----------------------------------	---

Como se comprova por meio das passagens transcritas, parece existir um sentimento vincular forte entre os membros das ITCPs, fato este que é corroborado nos espaços de encontros presenciais, como congressos, encontros e reuniões da Rede. Contudo, ao que se percebe, um mecanismo que vem sendo utilizado de modo mais efetivo nos últimos anos, pela e na Rede, são as mensagens virtuais (e-mails). Este fato remonta ao início da utilização de um mecanismo virtual de troca de mensagens para um grupo específico de participantes inscritos em um programa. Este sistema é chamado de “grupos” e o sistema no qual a Rede tem seu grupo pertence ao Yahoo!Grupos. Este sistema é de livre acesso e sem custo operacional para qualquer de seus participantes. Por meio dele, um usuário pode enviar uma mensagem para todos os integrantes do grupo. Logo, no caso específico da Rede, este mecanismo parece ter dinamizado o grau de contato e comunicação dos participantes das ITCPs.

Este fato pode ser comprovado na fase anterior à realização das entrevistas semiestruturadas. Utilizou-se a análise do grupo “Rede ITCP”, pois se acreditou que ele pudesse indicar as incubadoras que mais se comunicam entre elas na Rede, claro, por meio do sistema de mensagens virtuais de grupo.

A utilização de mecanismos virtuais parece estar se tornando uma constante e seu uso vem crescendo entre as incubadoras. Entretanto, para alguns entrevistados, as ITCPs da Rede se comunicam mal, especialmente devido à inexistência de um site ou, mesmo, outros mecanismos efetivos de comunicação. Para esse entrevistado, nos dias atuais, uma falta dessa ordem é quase inconcebível.

Para além dos mecanismos formais de interação dos membros da Rede, os processos informais também permeiam o cotidiano. Nesse sentido, para alguns entrevistados, pelo fato de a relação ser baseada nos princípios da Rede, da economia solidária e do cooperativismo, as incubadoras se relacionam de modo melhor. A articulação e o envolvimento entre as incubadoras parecem, ainda, estar pautados em dois aspectos, a saber: proximidade e afinidade de trabalho.

No primeiro ponto, ressaltam-se as dimensões geográficas de um país como o Brasil, que tem extensões continentais. Esta característica parece delimitar, em parte, o grau e a frequência de contato e interação entre as diversas incubadoras filiadas à Rede. Assim, seguindo uma divisão de ação existente na Rede, a qual se estrutura pelas cinco grandes regiões geopolíticas do país, a interação entre os membros e entre as próprias ITCPs se pauta, fortemente, na proximidade geográfica.

O segundo ponto, a afinidade de trabalho, diz respeito ao relacionamento mais estreito entre incubadoras que têm metodologias de incubação próximas ou, ainda, que desenvolvem ações com públicos similares, como, por exemplo, trabalho com catadores de materiais recicláveis.

Como última categoria de análise, tem-se a autonomia, que diz respeito ao entendimento do grau de dependência e independência das incubadoras frente à Rede universitária.

QUADRO 12 Categoria de análise: Autonomia.

CATEGORIA	FRAGMENTOS
Autonomia	<p>(01) “As incubadoras assinam seus próprios convênios” (E.E.).</p> <p>(02) “A autonomia é a necessária pra que se possa caminhar dentro do projeto que se propõe” (E.E.).</p> <p>(03) “As ITCPs dependem da rede pela representatividade junto a diversas esferas. E também um respaldo político dentro de cada universidade” (E.F.).</p> <p>(04) “A atuação é e não é independente, porque a gente desenvolve relações em conjunto” (E.F.).</p> <p>(05) “Temos ações independentes, como a própria escolha dos grupos que vão ser incubados e também qual metodologia vai usar” (E.A.).</p> <p>(06) “Cada incubadora tem a autonomia necessária. A rede tem que garantir total liberdade para as incubadoras” (E.G.).</p> <p>(07) “Por outro lado, a representação nacional e política depende da rede” (E.C.).</p> <p>(08) “A existência da rede dá visibilidade para a incubadora dentro da universidade. Se a rede não existisse mais, vamos supor que acabasse da noite pro dia, a nossa visibilidade seria menor” (E.D.).</p> <p>(09) “A Rede não obriga nada e ninguém a participar ou fazer alguma coisa que tenha sido decidido por todos. Assim, todos têm autonomia de escolher” (E.I.).</p>

Quanto ao caráter da autonomia das incubadoras diante da Rede, observa-se, por meio dos relatos, que a Rede Universitária está embasada e prega a autonomia de suas entidades participantes. Cada ITCP tem autonomia para decidir seu modo de funcionar, as parcerias a estabelecer, os grupos, o número, o gênero e o tipo a ser incubado. A Rede, a princípio, assegura e garante inteira autonomia ao cotidiano de ação das incubadoras. Este fato ocorre numa via de mão dupla, tanto pela postura da Rede, como da ITCP.

Por outro lado, alguns entrevistados demonstraram certo grau de dependência em relação à Rede, seja pela atuação conjunta das duas esferas, incubadoras e Rede, seja por pontos que a Rede assegura às ITCPs.

Sobre este segundo aspecto, remontam as falas da representatividade interna e externa. Assim sendo, as incubadoras parecem depender da Rede em assuntos relacionados à maior visibilidade das incubadoras e, também, de uma representatividade frente às universidades e instâncias competentes e legais que tratam no cotidiano da Rede, seja no governo ou, mesmo, em fóruns representativos.

#### **8.4 Vínculos constituintes e mantenedores da rede**

Diante do apresentado anteriormente, pelo aspecto teórico e a coleta de informações e seu processamento por meio da análise de conteúdo, é necessário apresentar, ainda que de modo breve, alguns aspectos que podem ser, ao que nos parece, os delimitadores para a elucidação acerca dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Com relação ao que se denomina de vínculos sociais constituintes, os quais estão para a ordem do estabelecimento de um projeto coletivo, eles estão intimamente interligados aos aspectos de identificação e idealização propostos por Enriquez (1997; 2001), já mencionados. Neste ponto, pode-se dizer que, a partir do estudo aqui realizado, a Rede Universitária tem suas bases fundamentadas na construção e na consolidação da economia solidária e no cooperativismo popular. Mas, apenas estes pressupostos norteadores não seriam capazes, por si só, de assegurar a vinculação de pessoas e grupos com diferentes construções e estruturas em um projeto único. Assim, é possível sinalizar para um “pacto político” entre os integrantes das incubadoras filiadas à Rede.



Por “político” entende-se aqui tudo o que diz respeito ao âmbito coletivo/comunitário. Ou seja, desde o início das atividades das incubadoras, os participantes vivenciam uma construção coletiva de objetivos consensuados, ainda que o consenso venha, muitas vezes, por meio de conflitos e discussões de opiniões divergentes. Contudo, não se acredita aqui que tal fato seja negativo. Pelo contrário, a articulação e a busca por uma unidade por meio do conflito parecem salutares e se apresentam como um aspecto que fortalece as relações dentro da estrutura da Rede.

Pode-se observar, no cotidiano das relações intergrupais, que as primeiras ITCPs foram fundadas e tiveram suas ações incipientes voltadas para um enfoque militante e muitas ainda permanecem com este perfil. Isso pode estar relacionado ao número de integrantes dessas incubadoras que são ou foram militantes, o que pode ser comprovado no relato de alguns entrevistados. Assim, parece existir forte indicação de uma característica individual influir na dinâmica e no cotidiano das entidades, nesse caso, determinadas incubadoras. Obviamente, este fato, por si só, não explica a constituição da Rede, mas, ao que parece, dá indícios dos vínculos e dos laços que uniram, inicialmente, os membros das incubadoras.

Outro fator que se apresenta como indicador dos vínculos de constituição da Rede é o caráter de igualdade entre as entidades pertencentes dessa estrutura. O pertencimento das ITCPs na estrutura da Rede demonstra sinais de uma vinculação pela via da identificação entre iguais, em que as incubadoras reconhecem, na Rede e nas entidades constituintes da mesma, organizações similares. E, por este fator, são capazes de integrar um projeto coletivo de organizações pares com propósito e ações similares. Esse aspecto coaduna com a necessidade de união entre as entidades na busca de representatividade e troca de experiência e informações da tecnologia social tipicamente nacional que vem sendo desenvolvida desde meados dos anos 1990.

Relacionado a isso, o propósito do fortalecimento de uma extensão universitária compromissada com o social indica a tônica de diversas incubadoras. Esse ponto pode ser explicado pelo aspecto histórico das incubadoras de cooperativas populares, espelhadas pelo modelo da COOPE/UFRJ e, ainda, pelo posicionamento dos membros dessas incubadoras.

A Rede Universitária, apesar de não estar fisicamente constituída, demonstra sinais reais e efetivos de uma estrutura horizontalizada, primando pela participação e autonomia das incubadoras que dela participam.

Os vínculos sociais mantenedores foram identificados e caracterizados, podendo fornecer indicações acerca dos fatores que fazem a dinâmica cotidiana das inter-relações acontecerem e se manterem, auxiliando-a. Na continuidade da estrutura de funcionamento da Rede de ITCPs, têm-se indícios de que dois aspectos emergem como centrais nessa direção, a saber, troca de informações e representatividade política.

Nessa direção, um ponto de vinculação, que fica evidente entre as incubadoras com a e na Rede Universitária, parece estar no projeto para o qual esta organização se volta. Ou seja, a representatividade política e institucional, com assento garantido para a Rede em diversas instâncias e órgãos do governo, é percebida como um aspecto de identificação dos membros da Rede.

Este aspecto independe do grau de participação das incubadoras pertencentes à Rede. Assim, mesmo que uma ITCP participe mais ou menos das ações coletivas da Rede Universitária, o caráter representativo, nas diversas esferas e entidades em que a Rede tem assento, os seus benefícios refletem em todas as incubadoras participantes. Exemplo disso é a construção do PRONINC, com contornos que contemplam as incubadoras participantes da Rede. Ao que tudo indica, este fator pode induzir, ainda que em partes, a manutenção das incubadoras na estrutura da Rede.

Outro ponto que parece identificar as incubadoras diz respeito ao caráter informacional encontrado na dinâmica da Rede. Assim, os mecanismos de troca de informações, sejam elas específicas, sobre assuntos temáticos ou mesmo de divulgação de editais e projetos, propiciam um intercâmbio entre as entidades, de modo a assegurar benefícios efetivos às incubadoras.

Todo o processo de troca ocorre de diversas formas e com intensidades diferenciadas, mas, pode-se dizer, que o processo de interação, intercâmbio e cooperação que se apresenta de modo mais efetivo se dá nos encontros e congressos presenciais. Logo, esses espaços se apresentam como de consolidação da Rede, como possibilidade de cooperação e solidariedade.

A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares demonstra sinais efetivos de um espaço interacional favorável à construção de um saber técnico e ético, visando articular iniciativas solidárias com políticas públicas que objetivam a geração de trabalho e renda, adotando metodologia de ação que fortaleça os vínculos grupais e a socialização com base nos princípios solidários.

Neste turno, os vínculos sociais mantenedores da Rede figuram na ordem da interação entre seus membros, fato este que acarreta benefícios para seus participantes, bem como para a própria Rede. Assim, a troca de informações e a representação proporcionada pela Rede fortalecem as relações nessa estrutura.

Ambos os vínculos, constituintes e mantenedores, analisados neste estudo, coadunam efetivamente com a estrutura horizontalizada aplicada pela Rede, bem como sua política autônoma, em que os seus integrantes têm livre participação em suas estruturas.

Os vínculos encontrados na Rede de ITCPs parecem fortalecer a integração entre seus membros, bem como melhorar a Rede no embate às questões centrais de sua atuação. Entretanto, o fator interno comunicativo da

Rede demonstra sinais de que precisa ser aprimorado e utilizado de modo mais eficiente e eficaz, podendo, em um futuro próximo, auxiliar ainda mais a consolidação e a ampliação da Rede e dos princípios com os quais ela trabalha.

Como forma de ilustrar o trabalho desenvolvido, apresenta-se a figura 4, panorama contextual da Rede de ITCPs.

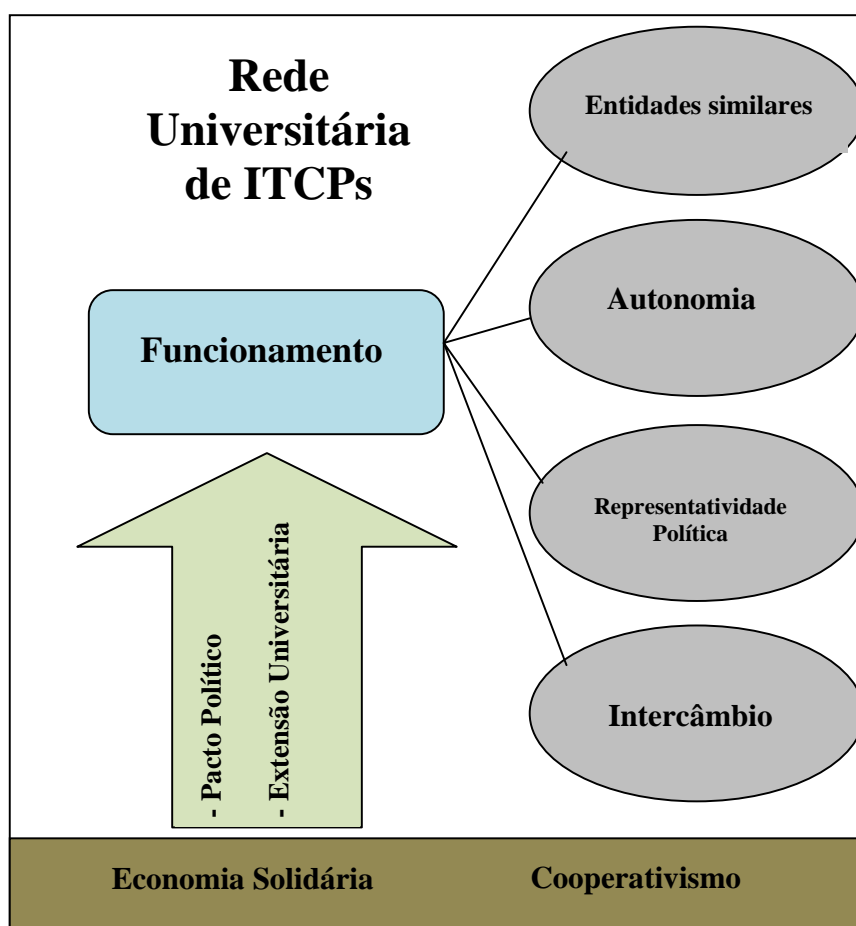


FIGURA 4 Panorama contextual da Rede de ITCPs

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados deste estudo, que teve como objeto de análise a Rede de ITCPs, fundamentada em uma perspectiva que prima por uma análise das categorias que podem constituir os vínculos nas organizações, chegou-se a algumas considerações que, no entendimento do pesquisador, devem ser consideradas como incipientes ao debate da temática proposta.

O fato de que este estudo não almeja esgotar ou finalizar o debate acerca da temática vigente pode estar amparado no fato de que a tecnologia de incubação, como a praticada dentro da Rede Universitária, não tem precedentes e é totalmente nacional. Esse ponto pode ser verificado por meio dos recentes contatos estabelecidos entre universidades de outros países, a saber, França, Alemanha, Uruguai e Canadá e integrantes das ITCPs que constituem a Rede Universitária. Esta situação, por si só, sinaliza para a necessidade de maior conhecimento, aprofundamento e divulgação dessa tecnologia. Sendo assim, este estudo busca contribuir nessa direção.

Dessa forma, pode-se dizer que as questões que embasaram a presente pesquisa são frutos de uma investigação coletiva em articulação com aspectos individuais de inquietação diante de uma realidade transformadora.

Na presente pesquisa, o objetivo foi realizar a caracterização e a descrição dos vínculos sociais constituintes e mantenedores da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. De modo particular, interessou-nos compreender as relações que vincularam o grupo de incubadoras e que permanecem nas relações atuais da Rede Universitária. Acredita-se que o estudo de tais aspectos possa vir a contribuir com a estrutura da Rede, com as incubadoras e com o público que tais entidades atuam, a saber, os grupos populares que buscam, em ações coletivas, melhorias para a sua vida.

Nesse sentido, foram realizadas treze entrevistas semiestruturadas com representantes de ITCPs. Das treze incubadoras abordadas, sete participam da coordenação colegiada da Rede e as outras seis foram selecionadas tendo como base seu tempo de filiação e o relacionamento observado por meio do programa de mensagens.

As análises e as interpretações das entrevistas foram feitas a partir do referencial teórico da pesquisa, em que as categorias de análise foram construídas para auxiliar na interpretação dos relatos coletados. Diante dos fragmentos apresentados, partiu-se para as considerações referentes às categorias e aos relatos. Esse procedimento pautou-se na crença de que, para se caracterizar e ter melhor compreensão dos vínculos sociais na dinâmica da Rede Universitária, seria necessário um entendimento a partir das verbalizações dos seus atores, ou seja, quem esteve e está presente no cotidiano de ação da mesma, em contato direto e intenso com o ir e vir das relações e interações.

Para alcançar os objetivos propostos, o pesquisador se viu obrigado a lançar mão de uma escuta imparcial e livre de preconceitos, visto que o mesmo tem caminhado no mundo das incubadoras e, conseqüentemente, da Rede Universitária. Esta precaução esteve presente em todos os momentos da pesquisa, desde a formulação do problema, passando pela execução das entrevistas, até a análise do material transcrito das entrevistas. Tal fato tem sua explicação na possibilidade de um direcionamento ou tendência, a qual o pesquisador não está livre de executar, o que acarretaria num viés, o qual poderia comprometer toda a pesquisa desenvolvida.

Acredita-se que o trabalho desenvolvido poderá contribuir sobremaneira para a dinâmica da Rede, tanto no aspecto vincular, identitário e comunicativo quanto nos aspectos da gestão da Rede. Quanto aos vínculos, pode-se dizer que o seu conhecimento ou mesmo o simples questionamento sobre os aspectos que

fazem um grupo se unir e se manter podem auxiliar no reconhecimento histórico e, ainda, para a obtenção de melhorias futuras das organizações.

Laços fracos e fortes, como apresentado por Granovetter (1983), podem ser observados no cenário da Rede e sua compreensão pode contribuir futuramente para o aspecto da vinculação, bem como, da comunicação. As relações entre ITCPs de modo constante sinalizam um aspecto forte, que gera redundância, seja de informação, seja de ação. Nesses casos, a oxigenação das relações pode ser essencial para maior disseminação das informações e posterior fortalecimento das relações entre as incubadoras dentro da Rede. Constata-se que são os laços fracos os responsáveis pela comunicação e pelas trocas na sociedade, sendo imprescindíveis à manutenção da coesão social.

Por outra via, as relações fortes são ligações entre pessoas com afinidades e semelhanças, que tendem a formar grupos homogêneos e fechados, seguindo o raciocínio de Granovetter (1983), de que uma rede organizada com base em laços sociais fortes tende, paradoxalmente, à desagregação, devido ao isolamento dos grupos em si mesmos (Granovetter, 1983).

Sobre os aspectos relacionados à identidade das incubadoras, bem como da própria Rede, pode vir a fortalecer a interação e contato entre seus membros, podendo acarretar, ainda, mudanças na atuação dessas entidades com seu público, caso tais mudanças se façam necessárias ou, mesmo, como forma de aprimorar a tecnologia social de incubação.

Já no caráter comunicativo, pode-se observar que a Rede vem aprimorando seus canais de comunicação, mas os mesmos ainda requerem cuidados. Assim, o fortalecimento dos mecanismos de comunicação existentes, bem como a inserção de novos instrumentos, poderá auxiliar, futuramente, a dinâmica da Rede. A comunicação, como relata Burt (1992), é um dos indicadores, na estrutura de redes sociais, das falhas estruturais, onde uma mesma organização, ou nodos não estão em contato direto, podendo estar

condicionados a manter relações intermediárias, que filtram e direcionam o fluxo de informação nas estruturas. Assim, na Rede de ITCPs, os buracos estruturais podem ser exemplificados no contato entre incubadoras distintas por intermédio da própria Rede ou, ainda, de outra incubadora.

Sobre as categorias, pode-se dizer que seguiram as propostas de Kramer & Faria (2007) sobre a constituição dos vínculos sociais nas organizações, tendo como base para tal proposta os preceitos da psicossociologia, em especial os de Eugène Enriquez.

O entendimento da Rede por uma via vincular pode auxiliar na aplicação de vários pontos, vistos na própria dinâmica da Rede, bem como no cotidiano das incubadoras. Sobre este ponto, aspectos como a sistematização da metodologia, replicação da tecnologia social de incubação, fortalecimento da identidade dos integrantes da Rede e garantia da autonomia da e na Rede figuram como centrais no âmbito de melhoria. Nesse sentido, vale resgatar as questões norteadoras da presente ação.

Quanto às perguntas que nortearam a presente proposta, pode-se inferir que as mesmas, após a conclusão dos trabalhos, foram passíveis de respostas. Assim, as questões que nortearam o presente estudo se pautaram no entendimento de quais seriam os vínculos que constituem a rede; quais os vínculos que a mantêm e, ainda, como os vínculos atuam no modo de funcionando da Rede?

A Rede foi criada como uma forma de difundir as experiências das incubadoras que já estavam funcionando, para garantir um intercâmbio teórico e metodológico e assegurar uma interlocução unificada, especialmente com o governo federal, buscando representação legítima diante da FINEP. Assim, baseada por pressupostos da economia solidária e do cooperativismo popular, as incubadoras se vinculam à Rede por intermédio de um pacto de princípios coletivos de luta e conquista. Busca, por meio de ações coletivas de



representatividade, expandir e estruturar uma extensão universitária realmente comprometida com o social e amparada por uma vinculação política, que direciona o funcionamento horizontal e participativo da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

A manutenção da Rede está amparada na representatividade e na troca de informações e experiências entre as incubadoras, as quais vislumbram na Rede um espaço propício para a troca, o que pode ocorrer devido à configuração horizontalizada entre entidades iguais.

Esta Rede, no trato de sua configuração organizacional, apesar de constituída por entidades vinculadas a diversas instituições do ensino superior, não tem um espaço físico próprio para desenvolver suas atividades, nem mesmo possui registro de pessoa jurídica. Mas, o que, para alguns, pode sinalizar para um processo caótico ou de desorganização, não reflete essa perspectiva, pois, mesmo sem a dimensão formal, a Rede Universitária consegue agir de modo particular e independente.

Tomando a conceituação de rede social trabalhada neste estudo, pode-se afirmar que, derivando desse conceito, e tendo o entendimento de que ela representa um conjunto de participantes autônomos, os quais se unem por intermédio de ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados, a Rede Universitária de Incubadoras demonstra sinais de ser uma rede social de fato. Isto posto, devido às suas relações, internas e externas, que figuram como nodos na estrutura e as pontes, ilustradas na interação entre estes nós, seja pela comunicação formal, seja nos encontros, seja nos projetos ou ainda nas proposições e objetivos que unem as incubadoras no discurso unificador da Rede universitária.

Assim, como indicou Granoveter em seu texto em 1990, as redes sociais são constituídas de nós e pontes, os quais podem possuir conteúdo e forma. No caso da Rede Universitária, o conteúdo se dando pela troca de informações, os

interesses compartilhados e a confiança na Rede e entre seus membros e a forma pode ser observada no tipo de relacionamento e nos vínculos presentes na Rede, como sendo relações que se pautam por um caráter profissional com cunho amistoso.

Obviamente, dificuldades são encontradas, sejam elas financeiras ou de outra ordem. Contudo, a dinâmica de liberdade e autonomia dá a tônica desta Rede.

De modo sucinto, considera-se que a Rede Universitária está pautada em triplo objetivo: intercambiar, difundir e representar.

Tais objetivos auxiliaram na consolidação e no fortalecimento dessa estrutura que, ao que se entende a partir da fala dos entrevistados, tem sua base vinculada à economia solidária e ao cooperativismo. Pode-se considerar, ainda, que as atuações das entidades que a compõem dão fortes sinais de terem sido forjadas junto a princípios, como a) trabalhar com autonomia, b) compromisso com a transformação e c) diversidade.

Estes princípios foram lapidados pelos projetos políticos das pessoas militantes que formaram, inicialmente, essa Rede. Este processo vem sendo apresentado e repassado para as incubadoras que se filiaram a Rede em momentos mais recentes. Deve-se atentar, contudo, para o fato de que, apesar de ser uma rede exclusivamente de incubadoras universitárias, o caráter diverso das entidades é latente na dinâmica da Rede de ITCPs e todos os procedimentos internos se guiam pelo princípio da liberdade, ou seja, não existe obrigatoriedade na Rede.

A articulação implica o compartilhamento de propósitos e valores comungados pelos demais integrantes, cujas conexões destinam-se a permitir apoio mútuo (Tomaél & Marteleto, 2006) e, de acordo com a estrutura horizontalizada a que se relaciona o formato da Rede de ITCPs, podendo,

proporcionar a atuação e a construção de sujeitos articulados de maneira ativa, voluntária e não hierárquica.

Outro ponto a ser salientado na atuação dessa estrutura diz respeito a uma demanda atual e concreta da sociedade brasileira em relação às universidades para uma resposta às suas debilidades, do ponto de vista da pesquisa, do ensino e da extensão. Isso, por certo lado, justificaria a existência das incubadoras e a existência das incubadoras justifica a existência da Rede.

Desse modo, indicam-se, para estudos futuros, um aprofundamento dos aspectos relacionais entre os vínculos aqui estudados e suas influências na dinâmica gestonária da Rede, tendo como pontos basilares a compreensão do seu funcionamento, bem como maior detalhamento desses aspectos pela via da compreensão e expectativa das incubadoras recém-filiadas. Esta última consideração é respaldada pelas considerações presentes nas entrevistas aqui realizadas, as quais indicaram uma mudança constante e, às vezes, preocupantes com a dinâmica de entrada de entidades com perfil diferenciado do das incubadoras mais antigas.

Entre os pontos que se apresentaram como desafiadores para a Rede podem-se elencar: necessidade de democratização, melhoria de fluxo de informações, sistematização da metodologia de incubação e, de modo particular, efetividade das ações das incubadoras nos cenários nos quais elas atuam, respaldando, principalmente, a sustentabilidade dos grupos.

Desse modo, ao final deste trabalho, pode-se dizer que a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares se caracteriza por independência, autonomia e horizontalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, A. C. **Atividades cooperativas de pesquisa científica e tecnológica em Minas Gerais: projetos, redes e consórcios**. 2003. 373p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ALCÂNTARA, F. H. C. Institucionalismo, racionalidade e solidariedade em cooperativas populares. In: HECKERT, S. M. R. (Org.). **Cooperativismo popular: reflexões e perspectivas**. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998.

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA, 1999.

ALENCAR, E. **Metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 2004.

ALMEIDA, M.; MELLO, J. Incubators of popular cooperation in Brazil. In: INTERNACIONAL CONFERENCE ON SOCIAL INCLUSION, INNOVATION AND THE NEW ECONOMY, 2002, Norrköping. **Anais Eletrônicos...**Norrköping: Work and Culture Program, National Institute for Working Life NIWL/ALI, 2002. Disponível em: <[http://infoweb.unit.liu.se/eki/index/hew/conference\\_may\\_2002](http://infoweb.unit.liu.se/eki/index/hew/conference_may_2002)>. Acesso em: 17 set. 2008.

ALMEIDA, M. The evolution of the incubator movement in Brazil. **International Journal of Technology and Globalisation**, London, v. 1, n. 2, p. 258-277, May 2005.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987. p. 159-193.

BARROS, J. F. de. **Rede universitária de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: projeto societário e projeto educativo**. 2003. 207 p. (Mestrado em educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BERENSTEIN, I.; PUGET, J. **Lo vincular: clínica y técnica psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo. Cortez, 2000.

BOCAYUVA, P. C. C. Incubadora tecnológica de cooperativas populares da COPPE/UFRJ. In: CAMAROTTI, I.; PETER, S. (Org.). **Redução da pobreza e dinâmicas locais**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. Fundamentos teóricos. In: \_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. cap. 3, p. 52-62.

BRAGA, M. J. da C.; GOMES, L. F. A. M.; RUEDIGER, M. A. Mundos pequenos, produção acadêmica e grafos de colaboração: um estudo de caso dos Enanpads. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 133-154, fev. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010019652004000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652004000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 jan. 2009.

BURT, R. S. **Structural hole**. Cambridge: Harvard University, 1992.

CARVALHO, A. M. A. Vínculos e redes sociais de crianças em grupos de brinquedo. In: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA, 4., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: UFB/CRP, 2005. CD-ROM.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRUZ, A. É caminhando que se faz o caminho: diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. **Revista Venezolana de Economía Social**, Mérida, v. 4, n. 8, p. 38-57, dic. 2004.

CULTI, M. N. Reflexões sobre o processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários e seus limites. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA REDE UNITRABALHO, 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unitrabalho, 2002. CD-ROM.

DABAS, E. A intervenção em rede. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 5-17, 1995.

DABAS, E. Rede social, sistema familiar y aprendizaje. **Sistemas Familiares**, Buenos Aires, v. 3, n. 13, p. 63-69, 1997.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DURAND, M. **O medo e os vínculos sociais no Brasil**. 2005. 247 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

EBERS, M.; JARILLO, J. The construction, forms and consequences of industry networks. **International Studies of Management and Organizations**, Armonk, v. 27, n. 4, p. 3-21, winter 1998.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: LÉVY, A.; NICOLAI, A.; ENRIQUEZ, E.; DUBOST, J. (Org.). **Psicossociologia**: análise social e intervenção. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 56-69.

ETZKOWITZ, H. Incubation of incubators: innovation as a triple helix of university–industry–government networks. **Science and Public Policy**, London, v. 29, n. 2, p. 115-128, Apr. 2002.

ETZKOWITZ, H., MELLO, J. M. C. de, ALMEIDA, M. Towards “meta-innovation” in Brazil: the evolution of the incubator and the emergence of a triple helix. **Research Policy**, Amsterdam, v. 34, n. 4, p. 411-424, May 2005. Disponível em: <[www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)>. Acesso em: 15 nov. 2008.

FERNANDEZ, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDEZ, B. S. (Org.). **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, A. B. H.; FERREIRA, M. B.; ANJOS, M. dos. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FREEMAN, L. **The development of social network analysis**: a study in sociology of science. North Charleston: Booksurge, 2002.

FREITAS, A. S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre o papel das redes associacionistas. 2005. 395 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GODOI, C. K.; MELLO, R. B.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GRANOVETTER, M. **Getting a job**: a study of contacts and careers. Cambridge: Harvard University, 1974.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, San Francisco, v. 1, n. 3, p. 201-233, Nov. 1983.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 91, n. 3, p. 481-510, Nov. 1985.

GRANOVETTER, M.; CASTILLA, E.; HWANG, H. GRANOVETTER, E. Social networks in silicon valley. In: LEE, C. M.; MILLER, W. F.; HANCOCK, M. G.; ROWEN, H. S. (Ed.). **The silicon valley edge**. Stanford: Stanford University, 2000. p. 218-247.

GUARESCHI, P. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão social**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUIMARÃES, G. Subvertendo e construindo o imprevisível. In: \_\_\_\_\_. **Sindicalismo e cooperativismo**: a economia solidária em debate, transformações no mundo do trabalho. São Paulo: Unitrabalho, 1999.

GUIMARAES, G. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: contribuição para um modelo alternativo de geração de trabalho e renda. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. de. (Org.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p. 111-122.

GUIMARÃES, G. (Coord.) **Ossos do ofício**: cooperativas populares em cena aberta. 2. ed. Rio de Janeiro: ITCP/COPPE/UFRJ, 2002.

JUNQUEIRA, L. A. P. **Mudança, uma causa compartilhada**: do ERSA ao SUS. 1996. 200p. Tese (Doutorado em saúde Pública) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

JUNQUEIRA, R. G. P.; ABRAMOVAY, R. A sustentabilidade das microfinanças solidárias. **Revista de Administração USP**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 19-33, jan./mar. 2005.

KRAMER, G. G.; FARIA, J. H. Vínculos organizacionais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 83-104, jan./fev. 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. Das informações à conclusão. In: \_\_\_\_\_. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MARQUES, E. C. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 45-67, out. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 jan. 2009.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência e Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. de O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, B. A. M. **As cooperativas populares e seus desafios, limites e possibilidades**: casos de cooperativas da cidade do Rio de Janeiro. 2006. 175 p. Dissertação (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, F. P. S. de. **Alianças estratégicas enquanto formas interorganizacionais em cooperação competitiva**: o caso da rede universitária de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares – rede de ITCPs. 2005. 116 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

OLIVEIRA, L. J. R. de. **Incubadoras universitárias de empresas e cooperativas**: contrastes, semelhanças e desafios. 2003. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAGÈS, M. **A vida afetiva dos grupos**. Petrópolis: Vozes, 1976.



PAJEK versão 1.24: program for analysis and visualization of large networks. Ljubljana: University of Ljubljana, 2008.

PEREIRA, J. R. (Coord.). **Gestão social da rede universitária de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares na geração de trabalho e renda.** Lavras: UFLA, 2007. Projeto de Pesquisa.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PLONSKI, G. A. **Cooperation south designing the future: south-south cooperation in science and technology.** New York. : UNDP, 2000. v. 1, p. 98-107.

REDE UNITRABALHO. **A Unitrabalho.** São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.org.br/>>. Acesso em: 24 out. 2008.

REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES. **Estatuto.** São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.itcp.ufpr.br/encontro/regimento.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2009.

RELATÓRIO DA REDE DE ITCPS. **Metodologias de incubagem:** uma tentativa de problematização (Relatório - versão preliminar), Brasília, 2002. No prelo.

SCOTT, J. **Social network analysis.** Newbury Park: Sage, 1992.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data:** methods for analyzing talk, text and interaction. Londres: Sage, 1994.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. de. **A economia solidária no Brasil:** a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. S. **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 81-129.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, E. S. de; SILVA, S. R. V. da; CARICARI, A. M. Rede social e promoção da saúde dos "descartáveis urbanos". **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, p. 810-814, dez. 2007. Edição Especial. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342007000500012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000500012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Jan. 2009.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 75-91, jan./jul. 2006. Edição Especial. Disponível em: <[http://www.encontros-bibli.ufsc.br/bibesp/esp\\_03/6\\_GT3\\_tomael.pdf](http://www.encontros-bibli.ufsc.br/bibesp/esp_03/6_GT3_tomael.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2008.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

ZIMERMAN, D. E.; OSORIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

## APÊNDICE

### I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

TEMAS	QUESTÕES
1- Identificação com a organização	<ul style="list-style-type: none"><li>- Há quanto tempo a ITCP participa da Rede?</li><li>- Qual o motivo para a sua filiação?</li><li>- Quais as vantagens e desvantagens da Rede?</li><li>- A ITCP se identifica com a Rede? Explique.</li></ul>
2- Idealização da organização	<ul style="list-style-type: none"><li>- Como você vê a Rede? Você acha que a Rede de Incubadoras tem uma identidade? Qual seria?</li><li>- Na sua opinião, a Rede constitui um projeto benéfico, que oferece oportunidades, afasta ou não oferece riscos?</li><li>- Como a Rede é vista pela incubadora?</li><li>- Na sua opinião, qual é o objetivo da Rede?</li><li>- Qual seria um modelo ideal de Rede de ITCPs</li></ul>
3- Sentimento de pertença	<ul style="list-style-type: none"><li>- Por que participar da Rede?</li><li>- A incubadora é responsável pela Rede? Como?</li><li>- A ITCP se sente parte da Rede?</li></ul>
4- Cooperação na atividade e solidariedade	<ul style="list-style-type: none"><li>- Qual o retorno que a Rede oferece à incubadora?</li><li>- Quais são os parceiros da incubadora? E da Rede? Qual o tipo de parceria?</li><li>- Como funciona, qual a atuação do parceiro dentro da Rede?</li></ul>

	<p>- Como as incubadoras se relacionam com esses parceiros (financiadores, fornecedores, intermediários)? (dependência ou interdependência)</p> <p>- Essas parcerias influenciam na gestão da incubadora? E da Rede (especialmente no caso de financiadores)? Como?</p> <p>- Como a ITCP contribui para a Rede?</p> <p>- Existe cooperação entre ITCPs dentro da rede?</p>
5- Criação de inimigos	<p>- Para que serve a Rede de Incubadoras? Por que se constituir ou estar participando da Rede?</p> <p>- A quem a Rede de ITCPs serve?</p> <p>- Existe diferença em estar na Rede ou caminhar de forma separada?</p> <p>A quem a Rede visa se opor ou contrapor? Existe uma coesão nesse sentido?</p>
6- Participação nas decisões	<p>- Participam frequentemente dos eventos e ou reuniões da Rede? Por que?</p> <p>- Como a ITCP se relacionava com a Rede?</p> <p>- A ITCP se sente como participante da Rede?</p> <p>- Como se dá tal participação?</p> <p>- Você participa da tomada de decisões dentro da Rede? De quais tipos de decisões a ITCP participa?</p> <p>-É atuante na Rede? Explique.</p>
7- Integração entre os membros	<p>- Como é o relacionamento dentro da Rede? Existem entidades com as quais sua ITCP se relaciona com mais frequência? Se sim, por que?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é a comunicação dentro da Rede? Como circula a informação? É um modo eficiente?</li> <li>- Como você se comunica dentro da Rede? Quais são os canais de comunicação? Eles são eficientes?</li> <li>- Incubadora tem relações com outras Incubadoras? Que tipo de relação? Como se dá?</li> <li>- Todos têm acesso a todas as informações? De que modo?</li> </ul>
8- Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A atuação de sua ITCP é independente da Rede?</li> <li>- Existe autonomia nas ações?</li> <li>- Qual o grau de autonomia?</li> <li>- Quais são as ações que a incubadora executa de forma independente à rede?</li> <li>- Em quais ações a incubadora depende da Rede?</li> </ul>